

Departamento de Sociologia  
Escola de Sociologia e Políticas Públicas

## A construção social da identidade clubística: O caso dos adeptos do Clube de Futebol “Os Belenenses”

João David Fernandes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia

Orientadora:

Doutora Patrícia Ávila, Professora Associada  
ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2020



## AGRADECIMENTOS

À Professora Patrícia Ávila, por ter aceite a orientação deste trabalho, pelos contributos, apoio e encorajamento que deram uma motivação e satisfação adicional na execução deste trabalho.

Aos meus pais e ao apoio constante sem o qual esta etapa e todo o percurso que o antecedeu não seriam concluídos.

À Rita, que foi fundamental e decisiva para que este mestrado fosse finalmente concluído. De outro modo provavelmente seria apenas para o ano ... ou para o ano seguinte ... ou para o seguinte. Pelo apoio, motivação e pelos importantes contributos críticos.

À Direção do Clube de Futebol “Os Belenenses” pela disponibilidade em colaborar neste trabalho e em especial ao Vítor Alegria e ao Avelino Rodrigues.

A todos os entrevistados que manifestaram desde sempre disponibilidade e entusiasmo em ajudar neste trabalho.

Este trabalho é dedicado a todos os Belenenses:

*“Hoje e como antigamente,  
nada temos que temer  
Belenenses para a frente  
com a certeza de vencer!”*



## RESUMO

Os efeitos da filiação clubística e o comportamento dos indivíduos enquanto adeptos de um clube de futebol têm sido os elementos mais estudados no futebol pelas ciências sociais. Esta situação leva a alguma negligência na análise daquilo que leva indivíduos se tornem adeptos de um determinado clube. O presente trabalho pretende explorar os fatores, motivações e processos que levam um indivíduo a tornar-se adepto de um clube de futebol. Para esse efeito recorreu-se ao caso específico dos adeptos do Clube de Futebol “Os Belenenses” a fim de se identificar os mecanismos que os levaram a ser adeptos do Belenenses, quais as fundações em que a sua ligação ao clube é construída e qual o papel e impacto que o Belenenses ocupa na sua vivência diária.

Palavras-chave: Sociologia do futebol, adepto, identidade clubística, socialização, Belenenses



## **ABSTRACT**

The effects of club supporting and the behavior of individuals as supporters of a football club, have been the main elements studied by the social sciences within football. This situation leads to some negligence in the analysis of what leads individuals to become supporters of a certain club. The present work intends to explore the factors, motivations and processes that lead an individual to become a fan of a football club. For this purpose, the specific case of the supporters of the “Clube de Futebol Os Belenenses” was used in order to identify the mechanisms that led them to become supporters of Belenenses, what are the foundations on which their connection to the club is built and what is the role and impact that Belenenses occupies in their daily experience.

Keywords: Sociology of football, supporter, club identity, socialization, Belenenses





## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO .....	iii
ABSTRACT .....	v
INTRODUÇÃO .....	1
O Futebol em Portugal e o lugar do Belenenses.....	1
Objetivos .....	3
CAPÍTULO 1. Enquadramento teórico e modelo de análise .....	5
1.1. Enquadramento teórico.....	5
1.2. Modelo de análise.....	8
CAPÍTULO 2. Metodologia e caracterização sociográfica do Clube de Futebol “Os Belenenses” ..	11
2.1. Metodologia.....	11
2.2. O Clube de Futebol “Os Belenenses”- Caracterização sociográfica. ....	13
CAPÍTULO 3. A construção da identidade clubística dos adeptos do Belenenses.....	17
3.1. O porquê de ser Belenenses – Processos de socialização dos sócios do Belenenses .....	17
3.2. O ser “Belenenses” – Processos de consolidação da identidade clubística .....	27
CONCLUSÃO .....	41
BIBLIOGRAFIA.....	45
ANEXOS.....	I
Anexo A: Guião de entrevista .....	III
Anexo B: Categorias temáticas desenvolvidas.....	V
Anexo C: Recorrência das categorias temáticas na amostra inquirida .....	VII



## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 2.1: Caracterização sumária dos entrevistados .....	12
Quadro 2.2 Estrutura etária .....	14
Quadro 2.3: Distribuição geográfica por distrito.....	14
Quadro 2.4: Área de residência por região postal - Top 20.....	15



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 Modelo de análise do processo de construção social da filiação clubística .....	10
Figura 2.1: Distribuição de sócios (nº) no concelho de Lisboa por zona postal.....	15

## INTRODUÇÃO

### O Futebol em Portugal e o lugar do Belenenses

O futebol é um fenómeno com múltiplas ramificações. Tanto pode ser um desporto como um objeto de consumo em massa, um tópico de debate inflamado ou até tema de debate em sessões parlamentares. É algo que é igualmente discutido por aqueles que o acompanham, compreendem e adoram como por aqueles que não o compreendem, que o ignoram ou que o detestam.

Apesar do futebol se afirmar como uma linguagem única que permite a comunicação entre diferentes culturas e linguagens, tem as suas particularidades nacionais, regionais e locais. O fenómeno do futebol parte de uma base comum para posteriormente se imiscuir dessas especificidades culturais e sociais de maneira a que na realidade se pode falar de “futebóis” e não apenas de “futebol”. É neste contexto que se pode particularizar do mundo para a Europa e da Europa para Portugal e apesar de estarmos aparentemente a falar do mesmo fenómeno, estamos na realidade a falar de fenómenos significativamente diferentes. Portugal é um caso paradigmático na medida em que nenhum outro desporto se aproxima do futebol em termos de impacto na sociedade, seja em termos de consumo (é o único desporto que é transmitido quase exclusivamente em sinal fechado), seja enquanto prática desportiva. Em 2017 existiam 176.349 praticantes federados de futebol, representando 28,3% do total de praticantes de desporto federados em Portugal (IPDJ, 2018). Para se ter uma noção mais aproximada deste impacto, é importante referir que o segundo desporto com mais praticantes federados em Portugal é a natação com menos de metade dos atletas, 10,5%. Esta é uma tendência que se tem mantido estável nos últimos 10 anos, onde a percentagem de praticantes federados de futebol tem variado entre os 28% e os 29%.

Olhando para o futebol para além do fenómeno da prática desportiva, é possível encontrar o consumo do futebol enquanto espetáculo, componente essencial para tornar o futebol no fenómeno multidimensional que o projeta para o mediatismo, visibilidade e volume de capital financeiro que mobiliza. Desde 2016 que no ranking anual da revista forbes “*The world’s most valuable sports teams*”, das 5 equipas mais valiosas, 3 são de futebol. Não é difícil encontrar evidências que possam, discutivelmente, afirmar que o futebol é o desporto mais popular do mundo, podendo-se avançar, quer valores de praticantes e receitas, quer valores de assistências, assistências televisivas, entre outros indicadores.

Continuando a lógica de focalização feita anteriormente, é possível ir a outro nível de detalhe e passar de Portugal para Belém. Belém é uma freguesia de Lisboa com 10,43 km<sup>2</sup> e com uma população de 16528 habitantes (Censos 2011), situada na zona ribeirinha oeste de Lisboa e é a casa do Clube de Futebol “Os Belenenses” (CFB), conhecido simplesmente por “Belenenses”. O Belenenses é um clube de futebol fundado em 1919 e é uma das maiores instituições desportivas Portuguesas tanto ao nível da

dimensão da massa associativa durante um longo período da sua história como ao nível do sucesso e ecletismo desportivo. O Belenenses conta com dezenas de títulos desportivos espalhados por diversas modalidades, destacando-se como as mais emblemáticas o andebol, atletismo e Rugby. A nível de futebol é, a par com o Boavista Futebol Clube, o clube mais titulado, para além de Benfica, Porto e Sporting, tendo sido campeão nacional por uma vez e vencido a taça de Portugal em 3 ocasiões, entre outras conquistas. É também, a nível de futebol, além dos três clubes referidos, o clube com mais presenças no principal escalão do futebol o que mais contribuiu com jogadores para a seleção nacional de futebol e o clube com mais presenças no pódio do campeonato nacional da 1ª divisão, entre 1934/35 e 2019/20, tendo atingido os 3 primeiros lugares em 19 ocasiões. Para efeitos comparativos, o clube com mais presenças no 3 primeiros lugares a seguir ao Belenenses é o Boavista Futebol Clube com 6 presenças<sup>1</sup>. Este impacto a nível desportivo refletia-se numa massa associativa que chegou a contar com mais de quarenta mil sócios mas que nos anos mais recentes, derivado de um declínio a nível desportivo, tem vindo a diminuir consideravelmente.

Falar de clubes de futebol em Portugal implica forçosamente uma contextualização importante. Existe uma hegemonia de três clubes principais e este é um fator muito importante para qualquer estudo que se faça sobre outro clube que não esses três. Portugal apresenta uma concentração maioritária da afinidade/filiação clubística em apenas três clubes/instituições: Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Portugal. Reportando a dados da época desportiva 2018/19, estes clubes representavam 76,5% do total de associados dos clubes que disputavam a I Liga profissional de futebol<sup>2</sup>. Há uma esfera de influência destes três clubes que ultrapassa claramente o fator geográfico e confere-lhes um estatuto dominante a nível nacional. Sedas Nunes (2007) também identificou este domínio nos resultados de um inquérito realizado à simpatia clubística dos Portugueses com mais de 12 anos, onde cerca de 90% dos adeptos estavam concentrados em apenas três clubes: Benfica, Porto e Sporting. Este domínio a nível de preferência clubística é um reflexo do desempenho desportivo a nível de futebol. Estes clubes venceram 97,6% dos campeonatos realizados até hoje e são os únicos que disputaram todas as edições, nunca tendo sido relegados para divisões inferiores. Apenas Belenenses e o Boavista Futebol Clube venceram um campeonato cada um (em 1946 e 2001 respetivamente). Estes dois clubes são também, a nível de desempenho (tanto a nível de títulos conquistados como de presenças na I Liga), os dois clubes de maior dimensão e relevância a nível nacional imediatamente a seguir aos “três grandes”. Sendo que o Belenenses atingiu o pódio por dezassete vezes (para além do 1º lugar) e o Boavista por cinco vezes. Este dado é relevante na medida em que apresenta o Belenenses como um clube com uma força a nível de competição ao ponto de se intrometer no topo da classificação e, até determinada altura na sua história, disputar títulos.

---

<sup>1</sup> Fonte: ZeroZero (<http://www.zerozero.pt>)

<sup>2</sup> Fonte: [www.transfermarkt.pt](http://www.transfermarkt.pt)

A explicação sobre as particularidades do futebol em Portugal é importante para demonstrar de forma clara que a opção clubística por um clube que não seja o Benfica, Porto ou Sporting, é um comportamento que, não sendo de todo residual, é consideravelmente minoritário e que não está assente em motivações relacionados com o sucesso desportivo materializado em conquista de títulos.

## Objetivos

Este trabalho procura em parte colmatar uma lacuna que se tem observado nas ciências sociais ao nível do estudo da filiação clubística e dos adeptos de equipas desportivas. Segundo Spaaij e Anderson (2010), têm sido pouco explorado os motivos que levam as pessoas a tornarem-se adeptos de um determinado desporto ou como é chegam a identificar-se com uma determinada equipa. A pesquisa existente concentra-se em classificar os comportamentos daqueles que já são apoiantes. Wann, *et al*, (2001) considera que o processo através do qual as pessoas são socializadas para o desporto continua a ser pouco pesquisado e pouco teorizado. Jacobson (2003) considera que existe uma lacuna na atual literatura sobre a formação da identidade em relação aos fãs de desporto na medida em que a mesma não dá a devida atenção ao processo de criação da identidade, preferindo focar-se nos efeitos da filiação clubística como por exemplo, os comportamentos violentos e agressivos associados aos fãs de equipas desportivas. No mesmo sentido, Jones (1998) afirma, após uma revisão da literatura, é possível concluir que a pesquisa sobre a ligação dos adeptos à equipa desportiva foca-se essencialmente nas consequências a nível comportamental dessa ligação. Sandvoss (2003) reforça que a maioria dos trabalhos sobre o adepto de futebol têm pouco a dizer sobre os adeptos propriamente ditos sobre quais as fundações em que a sua ligação ao clube é construída e qual o papel que o futebol ocupa no seu dia-a-dia.

A elevada projeção dos três grandes e a sua capacidade de concentração e recrutamento de uma vasta maioria de adeptos levantou a questão: “O que leva um adepto de futebol a adotar e a filiar-se num clube de futebol com poucas conquistas desportivas?” O presente trabalho tem como objetivo compreender como é construída, desenvolvida e sustentada a identidade e condição de adepto do Clube de Futebol “Os Belenenses” e quais são os elementos que levam à filiação neste clube em detrimento de outros com maior projeção e impacto no meio futebolístico português. Pretende-se também desenvolver um modelo e um enquadramento aplicável a realidades semelhantes à Portuguesa, onde se verifica um desequilíbrio muito acentuado na distribuição dos adeptos. Para este efeito recorreu-se a uma abordagem predominantemente sociológica mas multidisciplinar na medida em que se recorreu aos contributos de outras ciências e áreas de conhecimento tal como a psicologia social, ciências da comunicação e marketing desportivo.





## CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E MODELO DE ANÁLISE

### 1.1. Enquadramento teórico

Relativamente ao futebol enquanto objeto de estudo das ciências sociais no geral e da sociologia em particular, a primeira dificuldade que se coloca será em saber o que se está realmente a estudar. A prática de um desporto? As relações entre comunidades de desportistas? O impacto da atividade física no desempenho académico e profissional? Daniel Little refere que o futebol *“não é uma coisa integrada, mas sim uma aglomeração em várias camadas de um número diferente de estruturas sociológicas, atividades e processos que se cruzam com o desporto e com o seu papel na sociedade contemporânea. Isto implica que há múltiplas questões de pesquisa que podem ser colocadas neste domínio sem que haja uma sociologia do futebol. O mundo do futebol aparenta ser um campo rico de pesquisa sociológica”* (Little, 2013). Davis (2015) faz uma separação entre a prática de futebol que é definida enquanto desporto ou uma forma de atividade física e por entre o “football fandom” que pode ser definido como uma forma de lazer. Esta busca de lazer através do apoio a uma equipa de futebol, afirma Davis, é um local onde, enquanto um coletivo, os fãs podem expressar-se, apoiar a sua equipa, identificar-se com a equipa e demonstrar uma paixão e emoção num ambiente mais flexível e menos restritivo do que um contexto com formalismos e regras mais restritas como por exemplo um local de trabalho.

O futebol, enquanto desporto propriamente dito, e os seus praticantes, não são o objeto de estudo principal deste trabalho. O principal foco está nos adeptos, nos mecanismos de construção da sua condição de adeptos e no modo como desempenham esse papel. Com o foco na temática dos adeptos e da sua ligação aos clubes é necessário procurar um ponto de partida e para esse efeito Giulianotti (2002) sugere os trabalhos de Taylor e Crichter como um ponto de partida crucial para a análise do futebol de 1960 em diante. Taylor e Crichter conceptualizavam a filiação e ligação aos clubes de futebol como sendo definida por classe. Os fãs tradicionais de futebol eram pertencentes a uma classe operária e viam-se a si próprios como membros do clube, com uma identidade assente numa relação inquebrável e recíproca entre si próprio e o clube (Davis, 2014).

No final da década de 60, Taylor (1971) começa por analisar a transformação do futebol de algo que dominado e detido por uma “antiga classe operária” assente numa *“consciência futebolística centrada na equipa local, masculinidade, participação ativa e vitória”* para um fenómeno mais assente numa orientação empresarial. Esta orientação empresarial é caracterizada por uma alteração na composição da massa adepta no tipo de relacionamento que mantém com o clube. O tradicional adepto de “classe operária” é progressivamente substituído por espectadores com um conjunto diferente de interesses, nomeadamente a procura de um futebol mais orientado para convívio familiar, com interesse no espetáculo e no desempenho das equipas (Williams, 2007). Segundo Crichter (1979) este novo tipo de adepto deixa de ser um “membro” do clube e passa a ser um “cliente” que apresenta um tipo de

compromisso menos intenso e com uma ligação ao clube mais volátil e dependente daquilo que o clube oferece ir ou não ao encontro daquilo que procuram.

Esta viragem na conceptualização do adepto foi um ponto chave na medida em que expandiu a análise do adepto do futebol para além daquilo que Davis (2014) definiu como uma abordagem Marxista ao “*football fandom*”. Duas tendências importantes marcaram o estudo do futebol desde então, por um lado os comportamentos desviantes e hooliganismo, visto como uma resistência do movimento adepto tradicional ao aburguesamento do “seu” jogo (Taylor, 1971; Spaaij, 2007) e por outro uma mercantilização do futebol enquanto produto de consumo (Davis, 2014; Giulianotti, 2004). Relativamente a esta última tendência, com o foco no futebol inglês, Williams (2007) afirma que “*estes novos clientes do futebol são retratados como sendo menos definidos por identificações de classe ou género e são essencialmente apoiantes gentrificados. Os seus padrões e estilos de adepto são substancialmente mediados pelos novos padrões de consumo do desporto que surgiram nos anos 90 e 00 assentes na televisão, internet e meios de ser adepto à distância*”. Williams destaca o impacto o trabalho de Giulianotti neste contexto de futebol moderno. Giulianotti propõe a análise dos adeptos expressos através de uma taxonomia assente num conjunto de ideais-tipo de adepto (Giulianotti, 2002). É através de duas oposições expressas em eixos, um de intensidade, quente Vs. frio e outro que opõe o tipo de comportamento do adepto, tradicional Vs. Consumidor. Esta taxonomia permite colocar o adepto em 4 quadrantes que se traduzem em ideais-tipo de adepto consoante o seu posicionamento nos eixos.

Este tipo de taxonomia em particular e abordagem de adepto-consumidor no geral é aplicável num contexto em que haja matéria palpável para que um adepto se possa definir em função do consumo de um “futebol-produto”. No caso Português, como já foi referido na introdução do presente trabalho, há um desequilíbrio muito acentuado na “ordem futebolística portuguesa” que dificulta a aplicação desta taxonomia e de visões assentes no adepto-cliente. Acerca desta desigualdade e do seu impacto na mercantilização do futebol João Sedas Nunes refere: “*não é possível olhar para esta ordem de grandeza sem pensar nas suas consequências para o futebol português. Tratando-se de um aspeto estrutural e não, como sucederá no que respeita a outros aspetos, de um estado alterável, aquela hipertrofia enquanto cobertura quase universal do conjunto dos simpatizantes, significa que, fora Benfica, Sporting e F.C. Porto, nenhum clube em Portugal tem peso demográfico suficiente para gerar por si uma procura relevante dos seus bens e serviços de futebol, sejam eles os espetáculos dentro das quatro linhas ou produtos de merchandising. Nem mesmo os clubes de «dimensão média» têm base de apoio suficientemente ampla para tal. Pura e simplesmente não dispõem em potencial do número mínimo de simpatizantes e adeptos, entendidos aqui como consumidores*” (Sedas Nunes, 2007).

Esta dicotomia entre o fã tradicional assente em valores tradicionais e um fã enquanto agente de pós-modernidade definido pelos padrões de consumo influenciados pelos media tem dominado muito do trabalho recente dedicado à sociologia do futebol (Dixon, 2011). Davis (2015) sugere que

aparentemente estamos reduzidos a uma dicotomia entre o autêntico e não autêntico onde não há apoiantes legítimos na medida em que todos são consumidores e que os adeptos autênticos têm de deixar de apoiar clubes profissionais. Williams (2007) é crítico desta dicotomia, porque por um lado o foco no romantizar do adepto tradicional impede o seu posicionamento nos novos/recentes contextos sociais modernos mas, por outro lado, quando este posicionamento é feito, há um exagero na desvalorização dos laços tradicionais que segundo Gibbons e Dixon (2010) os elementos sociais e comunitários da filiação clubística não desapareceram no modo em que alguns afirmam.

Será que a análise do fenómeno dos adeptos de futebol e da sua filiação clubística está limitada a esta dicotomia? Sandvoss parte da ideia que a opção por apoiar um determinado clube é uma questão de gosto, sendo o gosto algo estruturado a partir do capital cultural e simbólico incorporado pelo indivíduo e desta forma será algo inconsciente e resultante do posicionamento do indivíduo na estrutura de classe. A perspetiva é assumida pelo próprio como Bourdieuniana e assenta no conceito de Habitus. Spaaij e Anderson também recorrem ao conceito de Habitus para reforçar a importância de expandir a análise da socialização para a filiação clubística para além de uma visão puramente psicológica e para a importância dos agentes socializadores e dos seus contextos (Spaaij, Anderson, 2010). Contudo Giulianotti alerta que *“os gostos desportivos e práticas não estão tão convenientemente associadas a classe”* (Giulianotti 2005) e o próprio Sandvoss faz notar que o futebol é um fenómeno que extravasa as fronteiras de classe e partilha da mesma popularidade entre grupos com diferentes estruturas de capitais (económico, social, educativo, etc.). Estas ressalvas transmitem a ideia de que as fundações da filiação clubística não assentam exclusivamente nas posições de classe e que são necessárias outras dimensões e variáveis para explicar esse processo. Sandvoss, com base num conjunto de entrevistas realizadas a adeptos de futebol de vários países onde verifica que os elementos referidos pelos entrevistados para se identificarem e serem adeptos de um clube podem ser consideravelmente diferentes e até bastante díspares, avança com a ideia de que equipas de futebol são um espaço de reflexão e projeção do “eu” onde cada adepto encontra um reflexo de si nas diferentes dimensões e aspetos do clube em questão (Sandvoss 2003). Sandvoss destaca como particularmente pertinente a recorrência da utilização do “Nós” quando os entrevistados se referiam ao clube de que são adeptos. A utilização do nós sugere uma relação simbiótica entre o adepto e o clube onde as características que o adepto reconhece no clube (ex. “Raça”, “Persistência”, “honra”) estão também a ser reconhecidas no “eu”, através desse processo de projeção que Sandvoss refere.

A projeção e relação com o clube pressupõe já a “escolha” ou a identificação de um clube-alvo. Neste sentido é possível olhar para o processo de filiação clubística como algo biotápico. Numa primeira fase há um processo de associação ou mobilização para o clube e numa segunda fase há um processo de identificação ou consolidação que pode ou não resultar na filiação clubística. É importante lembrar que este trabalho está focado na análise de um conjunto de adeptos/sócios de um clube que independentemente da evolução da sua dimensão sempre foi, tal como quase todos os clubes

Portugueses, minoritário face à enorme massa adepta de Benfica, Porto e Sporting e consequentemente com um potencial de recrutamento/captação de adeptos mais reduzido.

Este assunto remete de novo para a origem da filiação clubística e sobre algum vazio teórico que existe em relação a esta matéria. Crawford (2004) afirma que apesar de ser óbvio que toda a filiação clubística tem uma origem, existe uma escassez de atividade académica empírica em relação a este fenómeno e Dixon (2012) acrescenta que quando se considera dados empíricos, a orientação de muita investigação tende a negligenciar questões cruciais sobre a origem da filiação clubística e a favorecer o que os académicos consideram como sendo mais entusiasmante, temática e politicamente interessante como o hooliganismo, racismo ou um “consumer based fandom”.

Tentar responder a esta lacuna implica a colocação de duas questões: 1) O que leva um indivíduo a identificar e afiliar-se com uma equipa desportiva ? e 2) Quando é que um indivíduo se pode considerar afiliado a uma equipa desportiva ?”. É possível traçar a origem da filiação clubística à infância e ao processo de socialização desempenhado pelos agentes primários, nomeadamente a família nuclear. Para Jacobson, *“Não é pouco razoável assumir que os indivíduos se tornam adeptos através da socialização, essencialmente por via de amigos e família. É possível que esta socialização possa ser traçada até à socialização desportiva na infância”* (Jacobson 2003). Mewett e Toffoletti (2008) referem que a socialização primária que ocorre na infância é o caminho mais importante para a filiação clubística. Por outro lado, a filiação clubística é um elemento identitário pouco volátil, segundo Ben Porat (2010), esta filiação oferece um elemento estável e contínuo da identidade. Seguindo esta lógica é legítimo colocar a hipótese de que a socialização para um determinado clube de futebol ocorre numa fase inicial da vida dos indivíduos e posteriormente torna-se um elemento identitário sólido e estável. Torna-se pertinente compreender quais os elementos fundamentais para que estes dois fatores ocorram: o processo de socialização e a consolidação da identidade de adepto. Neste trabalho procura-se responder a estas questões, com foco no Belenenses, partindo de um modelo de análise, detalhado no capítulo seguinte.

## **1.2. Modelo de análise**

Spaaij e Anderson (2010) referem que a literatura identifica 3 elementos principais que influenciam a socialização dos indivíduos para o desporto: Família, pares e escola. Relativamente à primeira fase do processo de filiação que consiste no processo de identificação da equipa desportiva recorreu-se a parte do modelo alargado apresentado por Spaaij e Anderson que por sua vez foi adaptado do “Psychological Continuum Model” de Funk e James (Funk, James, 2006). Contudo Spaaij e Anderson referem que o modelo original negligenciava o efeito das influências sociais alargadas tais como género, classe, localização geográfica e focava-se exclusivamente nos fatores de ligação psicológica de um indivíduo a uma equipa. A adaptação de Spaaij e Anderson pretende incorporar influências e elementos de negligenciados no modelo original e querem demonstrar como vários fatores, especialmente, pais, pares e o contexto social e cultural específico em que as crianças vivem, vai afetar

a sua identificação com um determinado clube (Spaiij, Anderson, 2010). O objetivo é segundo os próprios demonstrar a importância de adotar uma abordagem sociológica à identificação com uma equipa desportiva de modo expandir o trabalho que foi apresentado do ponto de vista psicológico (Spaiij, Anderson, 2010). Sendo o processo de filiação clubística algo que não está dependente apenas da socialização primária, é necessário que o modelo contemple também o processo pós-socialização essencial para consolidar ou não a condição de adepto. Neste processo incluem-se fatores desde os elementos sociais e comunitários de filiação clubística referidos por Dixon até à projeção do “eu” onde cada adepto encontra um reflexo de si nas diferentes dimensões e aspetos do clube em questão, como destacado por Sandvoss, passando pela identificação de elementos de filiação de carácter mais tradicional ou eventualmente de carácter mais mercantil à luz da dicotomia que tem estado presente no debate sobre o futebol no século XXI.

O modelo desenvolvido no presente trabalho pretende combinar uma fase inicial da filiação clubística, que por si só pode não garantir que um indivíduo se mantenha adepto, com os processos de consolidação que podem efetivar de facto a condição de adepto. A filiação clubística é desta forma um processo contínuo e não um processo instantâneo definido por um acontecimento ou evento ou dependente da ação dos agentes socializadores.

O modelo pressupõe que por via dos agentes socializadores há uma filiação clubística inicial e consequente inserção/exposição no contexto clubístico, sendo este processo identificado como “Identificação com equipa desportiva”. É já no contexto do clube que se criam as condições para a “consolidação da condição de adepto”. Representa-se na figura 1 o modelo de análise proposta, onde é possível observar as etapas acima descritas.

O processo de identificação ocorre essencialmente na infância e pré-adolescência por ação e influência dos agentes socializadores primários e secundário, podendo haver ainda algumas influências alargadas tais como os media ou figura de modelos como atletas. No entanto é expectável que no caso de clubes com pouca expressão mediática e com uma base de apoio reduzida, estas influências sejam residuais. O processo 1 é essencial para a análise da filiação clubística dos clubes com menos expressão e impacto na medida em que um grupo de adeptos reduzido e pouca presença mediática limita as hipóteses de captação de adeptos fora do processo de socialização.

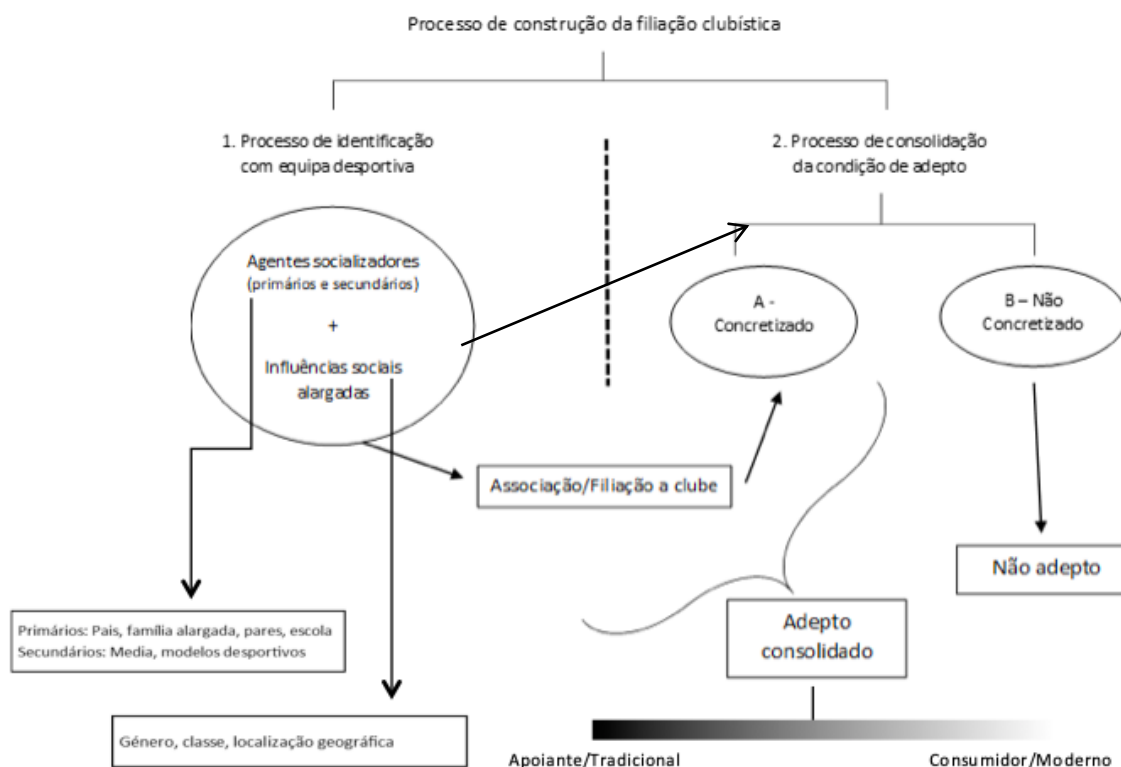


Figura 1.1 Modelo de análise do processo de construção social da filiação clubística

É possível argumentar que este processo pode ser igual tanto em clubes de maior ou menor expressão e dessa forma a questão da consolidação é importante. No caso de clubes como o Benfica, Porto ou Sporting as influências sociais alargadas, por via da sua forte mediatização, podem ter um impacto forte, havendo também um maior peso de agentes não familiares como pares (colegas de escola, amigos, etc.) que podem levar a que o processo de associação/filiação a clube de menor dimensão iniciado pela socialização na infância não se concretize e haja um êxodo de potenciais adeptos para os clubes mais atrativos a nível de dimensão. Neste sentido, é essencial identificar os elementos que levam a que o processo 2 culmine no “adepto consolidado”. Esta consolidação ocorre no contexto do clube e expõe o indivíduo aos elementos que lhe vão permitir identificar de facto aquilo que está inerente ao que é ser adepto do Belenenses e confirmar se há ou não uma identificação com o mesmo. Estes elementos são identificados através da sondagem das perceções que os próprios adeptos têm do que é ser Belenenses e da identificação dos elementos que consideram como determinantes para que se tenham tornado e mantido adeptos do Belenenses. Estes elementos podem ser de cariz mais tradicional ou de cariz mais moderno dependendo dos valores “futebolísticos” e visões que são defendidas pelos adeptos. O adepto consolidado poderá ser posteriormente mapeado entre os dois extremos da dicotomia referida anteriormente entre a visão mais tradicional e a mais moderna do futebol.

O modelo desenvolvido pretende responder ás questões colocadas sobre um clube específico, o Belenenses, mas pretende também permitir uma aplicação e/ou adaptação a outros clubes semelhantes, inseridos em realidades futebolísticas semelhantes.

## **CAPÍTULO 2. METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO SOCIOGRÁFICA DO CLUBE DE FUTEBOL “OS BELENENSES”**

### **2.1. Metodologia**

O trabalho desenvolvido assenta numa abordagem qualitativa. Considerou-se que a obtenção de informação detalhada e intensiva sobre estes processos seria mais eficaz com recurso a uma metodologia qualitativa que não limita a inquirição e informação recolhida a categorias pré-definidas e estanques que potencialmente deixariam de fora um conjunto de experiências e perceções que não estariam contempladas inicialmente. O método de inquirição utilizado foi a entrevista semiestruturada e foram realizadas dezassete entrevistas entre Março e Setembro de 2019. No momento em que foi realizada a última entrevista já se verificava alguma redundância de informação recolhida e a ausência de novos elementos.

Para obtenção da amostra a inquirir optou-se pelo método bola de neve que consistiu em solicitar ao primeiro entrevistado (obtido a partir de um contacto inicial junto da direção do clube) o recrutamento e envolvimento de outros três potenciais entrevistados. A cada uma desses participantes foi solicitado o recrutamento e envolvimento de outros 3 e assim sucessivamente até à obtenção do número adequado de entrevistados. O tipo de bola de neve foi exponencial e não discriminatória onde todos os 3 contactos solicitados a cada entrevistado foram abordados para participar.

De forma a aproximar a amostra ao universo, houve uma preocupação em replicar na amostra a estrutura etária, de género e de localização geográfica observada na análise da lista de sócios do clube. Verificaram-se algumas limitações nomeadamente ao nível do género onde não foi possível entrevistar todas as inquiridas do sexo feminino pretendido. Ao nível geográfico e etário foi garantida a diversidade prevista. No quadro 1 é possível verificar a lista e respetiva caracterização dos entrevistados. Refira-se que os nomes autênticos foram substituídos por nome fictícios de modo a preservar o anonimato dos entrevistados. Todos os entrevistados são sócios de longa duração do clube e a única diferença assinalável é entre os que foram feitos sócios no primeiro ano de vida ou logo à nascença e os que foram feitos sócios mais tarde, embora na sua infância. Verificam-se apenas três casos de entrevistados que se tornaram sócios na sua adolescência e por iniciativa própria. Para efeitos de análise e de conclusões é importante reforçar esta situação de todos os entrevistados serem sócios, deste modo a análise e conclusões não contemplam adeptos “não-sócios”.

As entrevistas foram realizadas em locais e datas sugeridos pelos próprios entrevistados. Esta opção foi tomada no sentido de evitar ou reduzir o impacto de eventuais incómodos e perturbações à rotina e dia-a-dia dos mesmos e ainda de modo a tentar garantir que a entrevista decorresse num ambiente familiar e confortável para os entrevistados. A larga maioria das entrevistas decorreu em locais públicos, tais como restaurantes/cafés, via pública e, por sugestão dos próprios entrevistados, no Estádio



do Restelo. Apenas uma das entrevistas foi realizada num espaço privado, no local de trabalho do entrevistado. A realização das entrevistas em espaços públicos colocou alguns constrangimentos ligeiros ao nível de ruído e de interrupções mas que em nada comprometeu o desenrolar das entrevistas. Estes constrangimentos colocaram algumas dificuldades ao nível da audição das gravações pois o ruído de fundo colocou dificuldades em algumas audições que foram superadas. Apenas em duas entrevistas houve perda parcial de informação devido a esta situação.

Quadro 2.1: Caracterização sumária dos entrevistados

<b>Nome</b>	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Residência</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>
Andreia	F	34	Lisboa, Ajuda	Ensino Superior	Imobiliária
Alfredo	M	60	Almada	11º Ano	Empresário
Nelson	M	44	n/d	n/d	Comercial
Daniel	M	33	Seixal	Ensino Superior	Engenheiro Civil
Dinis	M	26	Lisboa, Belém	Ensino Superior	Empresário de restauração
Duarte	M	18	Lisboa, Restelo	Ensino Secundário	Estudante
Eduardo	M	38	Lisboa, Moscavide	Ensino Superior	Administrativo
Francisco	M	43	Sintra	9º Ano	Comercial
José	M	29	Carcavelos	Ensino Superior	Contabilista
Lourenço	M	44	Seixal	9º Ano	Gestor comercial
Rogério	M	44	Algés	Ensino Superior	Empresário
Isabel	F	46	Lisboa, Avenidas Novas	Ensino Superior	Web designer
Roberto	M	41	Algés	Ensino Superior	Técnico de recursos humanos
Vicente	M	48	Sintra	Ensino Superior	Empresário
Vasco	M	68	Lisboa, Telheiras	n/d	Reformado
Vítor	M	71	Almada	5º ano	Reformado
Jorge	M	38	Lisboa, Baixa	Ensino Superior	Formador

O guião da entrevista<sup>3</sup> foi orientado para responder a dois principais objetivos deste trabalho: 1) Identificar os fatores que levam à filiação clubística no Belenenses; 2) quais os principais traços e características do adepto do Belenenses. O guião foi organizado da seguinte forma:

- Identificação do(s) agente(s) socializadores e de exposição ao Belenenses
- Identificação dos elementos que determinaram/efetivaram a filiação clubística
- Características e traços pessoais associados ao adepto do Belenenses
- Autocaracterização enquanto adepto do Belenenses
- Impacto da filiação clubística em diferentes contextos (social, profissional, familiar, académico)
- Assistência e consumo
- Relação e perceção face a outros clubes em Portugal
- Evolução da filiação clubística/condição de adepto

<sup>3</sup> Anexo I

Este guião inclui perguntas gerais orientadoras e, em alguns casos, a mesma pergunta formulada de diferentes maneiras de modo a ter diferentes opções de inquirição consoante a evolução do discurso dos entrevistados. Foram também incluídas um conjunto de questões de caracterização nomeadamente: Idade, profissão, área de residência, tempo de sócio e nível de escolaridade.

Apesar de se pretender uma semi-orientação das entrevistas, em muitos casos houve desvios consideráveis ao guião e foi permitido aos entrevistados prosseguir com o seu discurso havendo apenas orientação caso se verificasse um desvio muito grande das temáticas pretendidas, temáticas que em muitos casos foram abordadas sem necessidade de colocação das questões. A primeira questão colocada em todas as entrevistas foi sempre no sentido de saber como se deu a ligação ou primeiro contacto com o Belenenses e o discurso daí em diante, em muitos casos, foi espontâneo e sem necessidade de colocar determinadas questões pois os entrevistados acabaram por abordar as temáticas pretendidas. Como se vai verificar mais adiante, o discurso dos entrevistados foi muito homogéneo.

Após o trabalho de campo as entrevistas foram posteriormente transcritas e foi iniciado o processo de análise. Foi realizada uma análise qualitativa temática sem categorias definidas à priori, as categorias temáticas foram produzidas posteriormente a partir da codificação realizada sobre as transcrições. Dado o carácter exploratório do trabalho optou-se por uma abordagem indutiva na tentativa de obter um conjunto de dados com reduzido constrangimento e limitação de categorias pré-definidas.

## **2.2. O Clube de Futebol “Os Belenenses”- Caracterização sociográfica.**

Os dados mais atualizados relativamente à estrutura de sócios do clube são relativos à contagem e atualização de 31/10/2018. Esta informação foi obtida junta da direção do Clube de Futebol “Os Belenenses” que gentilmente cedeu a base de dados de sócios com informação sobre idade, género, residência e tipo de sócio (que permitiu a diferenciação entre sócios atletas e não atletas). A essa data o clube contava com 8251 sócios, sendo que para este trabalho foi considerada apenas a população de sócios não atletas, ou seja, aqueles cuja ligação ao clube é feita exclusivamente por via da “filiação clubística”, e que representam 70,5% de todos os sócios (n=5817). É importante referir que dos sócios que são atletas existem também muitos casos de filiação clubística ou “fã”, embora para esta caracterização se tenha optado pelos “fãs” em exclusividade.

Os sócios “adeptos” apresentam uma idade média de 44 anos em que o sócios mais velho tem 104 anos e o mais novo tem menos de um ano. Em termos de estrutura etária o cenário é o representado no Quadro 2.2.

Quadro 2.2 Estrutura etária<sup>4</sup>

<b>Estrutura etária</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
< 24	1622	28%
25 - 44	1218	21%
45 -64	1427	25%
> 65	1550	27%
<b>TOTAL</b>	<b>5817</b>	

Estes sócios estão essencialmente concentrados na zona metropolitana de Lisboa, nomeadamente nos distritos de Lisboa e Setúbal, que representam 75,4% e 11,7% dos sócios respetivamente. Verifica-se uma diversidade geográfica com a presença de sócios em quase todos os distritos de Portugal, porém a representação nos mesmos é residual, variando entre os 0,1% (n=6) em Vila Real e os 1,5% (n=89) em Santarém (Quadro 2.3). Refira-se ainda que a população é maioritariamente masculina, com cerca de 80% de homens.

Quadro 2.3: Distribuição geográfica por distrito

<b>Distrito de residência</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Aveiro	52	0,9%
Beja	11	0,2%
Braga	26	0,4%
Bragança	2	0,0%
Castelo Branco	45	0,8%
Coimbra	26	0,4%
Évora	36	0,6%
Faro	42	0,7%
Guarda	10	0,2%
Leiria	53	0,9%
Lisboa	4388	75,4%
Portalegre	15	0,3%
Porto	62	1,1%
Região Autónoma da Madeira	15	0,3%
Região Autónoma dos Açores	11	0,2%
Santarém	89	1,5%
Setúbal	680	11,7%
Viana do Castelo	16	0,3%
Vila Real	6	0,1%
Viseu	25	0,4%
n/d	207	3,6%
<b>TOTAL</b>	<b>5817</b>	

Um olhar mais detalhado sobre o distrito com a maior concentração de sócios, Lisboa, permite identificar que é na cidade de Lisboa que se concentram a maioria dos sócios (42,0%). Nenhum outro concelho ou zona apresenta um volume de sócios na mesma ordem de valores mas é possível observar

<sup>4</sup> Fonte: Direcção do Clube de Futebol “Os Belenenses”

que há uma concentração de sócios em concelhos limítrofes nomeadamente na Amadora, Oeiras, Sintra e Cascais. No Quadro 2.4 é possível observar as principais 20 zonas do distrito de Lisboa com maior concentração de sócios, que representam 85,4% dos sócios residentes no distrito de Lisboa.

Quadro 2.4: Área de residência por região postal - Top 20

Área de residência (Região Postal)	N	%
Lisboa	1844	42,0%
Amadora	258	5,9%
Algés	236	5,4%
Linda-a-Velha	162	3,7%
Queluz	156	3,6%
Carnaxide	152	3,5%
Agualva-Cacem	88	2,0%
São Domingos de Rana	86	2,0%
Carcavelos	77	1,8%
Queijas	74	1,7%
Parede	70	1,6%
Mem-Martins	69	1,6%
Oeiras	68	1,5%
Cruz Quebrada-Dafundo	67	1,5%
Cascais	66	1,5%
Rio de Mouro	64	1,5%
Estoril	58	1,3%
Odivelas	57	1,3%
Alcabideche	52	1,2%
Paço de Arcos	42	1,0%

É possível afirmar que há um elemento geográfico pertinente na caracterização dos sócios do Belenenses. Não só a maioria reside no distrito de Lisboa como há uma concentração em concelhos mais próximos da área onde se encontra o Estádio do Restelo. Este padrão de concentração de sócios à volta do Estádio do Restelo é também notória se observarmos a distribuição de sócios na zona ocidental que representa 79,3% dos sócios residentes no concelho de Lisboa (Figura 2.1).

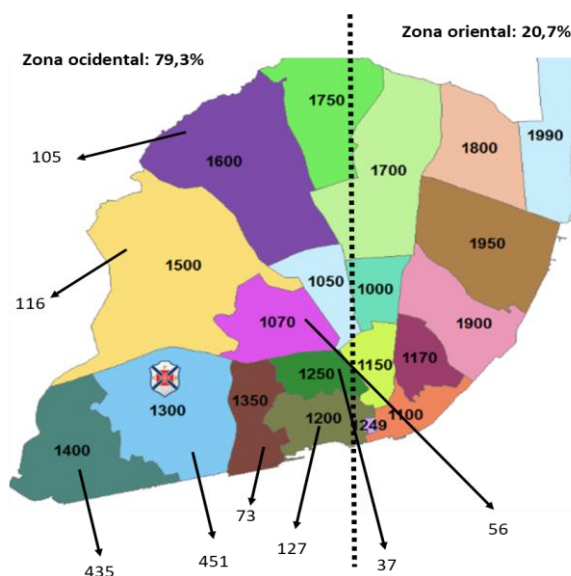


Figura 2.1: Distribuição de sócios (nº) no concelho de Lisboa por zona postal

Não foi possível obter mais dados de caracterização dos sócios, como por exemplo o tempo de antiguidade de sócio ou se houve ou não interrupções na associação. A informação apresentada é a única que é recolhida pelo clube e mantida em base de dados.

### **CAPÍTULO 3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CLUBÍSTICA DOS ADEPTOS DO BELENENSES**

#### **3.1. O porquê de ser Belenenses – Processos de socialização dos sócios do Belenenses**

Devido à situação particular do desporto em Portugal, qualquer instituição desportiva, independentemente da sua dimensão e impacto, está muito aquém de Benfica, Porto e Sporting em matéria de massa adepta e associativa. Considerando que os principais agentes para a filiação clubística consistem em agentes de socialização primária, nomeadamente os pais, amigos, pares e escola (Melnick & Wann, 2004 ; McPherson, 1975, 1976), a capacidade de captação e renovação de adeptos e sócios destes clubes está muito acima de qualquer outro clube em Portugal. A nível do impacto de outras influências mais alargadas como os media, há uma presença dominante e constante destes mesmos clubes na imprensa fazendo com que o eventual impacto da imprensa na capacidade de filiação clubística de qualquer outro clube, entre os quais o Belenenses, seja consideravelmente mais reduzido. Se considerarmos ainda que em termos geográficos é um clube da mesma cidade que Benfica e Sporting, o fator geográfico como elemento de captação de novos adeptos não é particularmente forte. É importante contextualizar que o raio de influência destes 3 clubes, a nível de massa adepta e associativa, transcende influências geográficas havendo adeptos/sócios por todo o país, algo que não se verifica em grande volume no Belenenses apesar da presença de sócios em praticamente todas as regiões/distritos, que na maioria dos casos representa menos de 1% da massa associativa total.

Perante este cenário levanta-se uma questão fundamental: “Como é que alguém se torna adepto do Belenenses?”. Numa primeira fase a resposta é relativamente simples: por via familiar já que no caso dos sócios entrevistados, o primeiro padrão a emergir é o do forte destaque dado à família nuclear enquanto principal elemento de ligação ao Belenenses.

A socialização primária na infância é o caminho mais importante para a filiação clubística (Mewett, Toffoletti, 2008) e algo que se confirma na quase totalidade das entrevistas onde é indicado que se tornaram “Belenenses” durante a infância. Verificam-se apenas duas exceções onde a concretização/consciencialização da filiação clubística se deu aos dezasseis anos no caso de dois entrevistados e onde essa filiação não se deu por influência familiar. À exceção destes casos todos os outros processos de filiação clubística ocorreram infância ou pré-adolescência.

Dos dezassete entrevistados, catorze indicaram que são Belenenses por ação/influência de um ou mais familiares sendo que, deste subgrupo maioritário, doze indicaram que essa influência veio do pai. A predominância do papel do pai na definição da filiação clubística não é inédita nem surpreendente, em estudos realizados junto de fãs de desporto na Austrália (Melnick, Wann, 2010) e no Reino Unido (Parry, Jones, Wann, 2014), o pai é o agente socializador mais influente. Também nestes trabalhos é possível verificar que o papel da mãe é marginal, situação que também se verifica junto dos

entrevistados. Nenhum entrevistado refere a mãe enquanto o principal agente influenciador. Relativamente à ação da família alargada enquanto agente principal, verificada no caso de dois entrevistados, o Avô e o Tio foram os familiares indicados. Relativamente à influência do pai, o discurso direto dos entrevistados é muito esclarecedor, o papel da família e do pai em particular é ilustrado nos seguintes testemunhos:

“Ora bem, a ligação ao Belenenses, o meu pai é do Belenenses” (Eduardo, 38 anos, Administrativo)

“A minha ligação vem desde que eu nasci, toda a minha família é Belenenses...” (Francisco, 43 anos, Comercial)

“... o meu pai foi Belenenses (...) incutiu-me desde muito cedo, eu lembro-me de vir ao Restelo ver os jogos, ao colo do meu Pai...” (Vicente, 48 anos, Empresário)

“Pá, o meu pai é Belenenses ...” (Lourenço, 44 anos, Gestor comercial)

“Da mesma forma que muitos sócios e adeptos do Belenenses, a minha família é toda do Belenenses, da parte do meu pai e da parte da minha mãe” (Roberto, 41 anos, Técnico de recursos humanos)

“Epá ... em casa o ambiente era Belenenses porque o meu pai era Belenenses e passou-me essa herança ...” (Vítor, 71 anos, Reformado)

A família, os pares e a escola estão identificados como os três principais agentes que influenciam a socialização dos indivíduos para o desporto (Greendorfer, 1993, Loy and Ingham 1973, James, 2001, McPherson 1976) mas o papel ou influência de amigos, pares ou escola no “ser belenenses” está notoriamente ausente do discurso da maioria entrevistados. Esta situação não surpreende se considerarmos que o conjunto de adeptos do Belenenses sempre foi minoritário na maioria dos contextos e a probabilidade de existência de grupos de colegas ou de amigos, em contextos como a escola, universidade, trabalho, entre outros, que possam exercer influência torna-se reduzida. O discurso dos entrevistados ilustra esta situação e em alguns casos a condição “Belenense”, de tão sub-representada, funciona como elemento ou traço distintivo, como o Eduardo faz notar:

“... eu sou da zona oriental da cidade, nasci ali no Alto do Pina, frequentei a escola preparatória da Penha de França, a escola secundária da Graça, portanto numa zona onde nem por isso existiam muitos Belenenses, apesar de haver um ou outro ... eu era quase sempre o belém ... olha, lá vai o belém...” (Eduardo, 38 anos, Administrativo)

Também relativamente ao contexto escolar o Jorge destaca a sua caminhada isolada de ser Belenense na sua vida escolar e académica:

“... em toda a minha vida escolar, desde a primária até à faculdade conheci apenas uma pessoa do Belenenses, na escola no 7<sup>a</sup> ou 8<sup>o</sup> ano ...” (Jorge, 38 anos, Formador)

O Roberto e a Andreia apresentam testemunhos semelhantes, respetivamente:

“...Ser Belenenses na escola é praticamente ser um espécime exótico não é? Não há muitos, não havia muitos miúdos do Belenenses (...) o Belenenses que era quase encarado com uma certa graça para as pessoas, ah o gajo é do Belenenses, portanto ninguém diz “é aquele do

Benfica” porque são quase todos do Benfica ... a mim era quase, quando me queriam distinguir no grupo era pela minha pertença clubística...” (Roberto, 41 anos, Técnico de recursos humanos)

“Na escola, portanto, havia alguns colegas, não eram muitos, em vinte, dois eram do Belenenses, pronto. Na faculdade já não, na faculdade já é uma coisa mais nacional, nós temos colegas de todo o país, eu realmente, que me lembre da faculdade, era a única pessoa do Belenenses (...) nunca conheci ninguém na faculdade que fosse do Belenenses” (Andreia, 34 anos, Imobiliária)

Passando do contexto escolar para o contexto de grupos de amizade, o Vicente também destaca a condição minoritária de ser Belenenses num contexto de amigos adeptos do Benfica e Sporting:

“...Sempre me dei com pessoas que gostam de futebol, todos os meus amigos gostam de ver futebol e sendo eles do Sporting e do Benfica sempre foi difícil lidar com isso, eles com vitórias e nós com derrotas...” (Vicente, 48 anos, Empresário)

Estes exemplos ilustram o padrão identificado no conjunto de sócios/adeptos entrevistados, a escola e pares/amigos têm um papel essencialmente nulo enquanto fator motivacional/influenciador para a filiação clubística e na maioria dos entrevistados a identificação com o Belenenses funciona como um fator distintivo face a uma maioria quase exclusiva de adeptos de Benfica, Porto ou Sporting.

Enquanto que no caso da socialização clubística por via familiar o padrão é semelhante a outros casos identificados, a ausência de impacto da escola ou de pares é de maior destaque, sobretudo se considerarmos que são fatores que já foram identificados como muito preponderantes na filiação clubística. De acordo com Wann, Parry e Jones (2014), o papel dos vários agentes de socialização na filiação clubística varia consoante a região geográfica em análise. Wann et al., (2001) encontram diferentes padrões e importância atribuída a diferentes agentes em diferentes regiões, por exemplo, no caso dos Estados Unidos é precisamente a escola surge como o principal agente, e só depois pais e por fim a comunidade. Refira-se que os Estados Unidos são um país com uma grande tradição a nível do desporto escolar e este facto terá influência na preponderância da escola enquanto agente para a socialização clubística. O Belenenses é um dos casos, semelhante aos casos da Austrália, Reino Unido ou Grécia, onde o Pai é o agente principal mas em todos os casos a escola e comunidade são identificados como agentes com níveis de impacto significativos (Wann et Al, 2001), algo que não se verifica neste conjunto de entrevistados.

Em alguns casos, a condição minoritária e diferenciadora é amplificada para um comportamento deliberado de não alinhamento com uma ordem estabelecida, padrão bastante notório nas afirmações do Lourenço, José e Duarte:

“... ser Belenenses é ser aquelas pessoas que não querem alinhar com a maioria, logo não têm dificuldades por essa mesma razão, em ser diferentes na escola, nos trabalhos, pronto ...” (Lourenço, 44 anos, Gestor comercial)



“... eu andei aqui em Carcavelos nos Maristas e eu sinto-me uma pessoa do Belenenses, toda a gente sabe que eu sou do Belenenses, para já eu fazia questão de ser, de dizer que era. Nas aulas de educação física não, mas nos jogos interturmas eu jogava sempre com a camisola do Belenenses, isso era ponto assente. (...) isto é uma sociedade de consumo e o consumo são os três grandes que dão dinheiro e estás sempre a ser bombardeado, epá e eu ver-me ... eu ser do Belenenses não me fazia ser diferente das outras crianças...” (José, 29 anos, Contabilista)

“.. acho que qualquer pessoa que não seja dos três habituais é logo um adepto diferente, porque não vivemos de títulos, não vivemos de vitórias como muitos deles vivem, portanto logo por aí acho que ser do Belenenses já é ser diferente.” (Duarte, 18 anos, Estudante)

Um testemunho que reforça esta condição de minoria mas do ponto de vista de um agente socializador é a visão que o Rogério tem da situação atual dos seus filhos na sequência de uma questão precisamente sobre como é ser Belenenses perante a sociedade:

“...pá eu ponho-me a pensar, eu quando era puto chegava à escola, eu se calhar como não era assumido, se calhar não passava por isso mas os meus putos ... estão todos a falar ... o Benfica, o Porto, o Sporting e não sei quê , epá e depois, f\*\*\*-\*\*, o gajo deve-se estar a sentir um *alien*” (Rogério, 44 anos, Empresário)

No caso do testemunho do Rogério é pertinente observar que perceciona a experiência dos filhos de uma maneira semelhante ao que é testemunhado pelos sócios anteriormente, especialmente do José. que tem uma discurso muito semelhante à sua experiência em criança.

Perante um cenário de filiação clubística tão vincado pela influência familiar e onde de certa forma os indivíduos nascem já para condição de Belenenses, coloca-se a questão sobre qual a capacidade de entendimento e compreensão que uma criança tem do que é ser adepto de um clube e em que medida é que essa filiação é perpetuada por ação exclusiva do agente de socialização primária, especialmente considerando o apelo e capacidade de atração dos “três grandes” através da influência dos media onde estas 3 instituições e massa adepta e associativa tem um peso e presença massiva. É legítimo considerar que a ação do agente socializador pode não ser o fator exclusivo e decisivo na filiação clubística e assim sendo coloca-se a questão sobre quais os outros elementos que contribuem para a manutenção da filiação clubística à medida que os indivíduos vão crescendo e ficando sujeitos a outras influências para além da família e em particular do pai.

Dizer a uma criança que ela é adepta ou sócia do Belenenses é talvez o modo mais intenso de a expor o clube, contudo é importante ter presente que este “ser do Belenenses”, no caso de todos os entrevistados (inclusive os dois casos que não foram influenciados pela família) traduziu-se numa proximidade física com o clube, equipas, competições e complexos desportivos, primeiro no campo das Salésias, no caso dos entrevistados mais velhos, mas na sua esmagadora maioria já no Estádio do Restelo. A influência familiar manifestou-se em presença e assistência frequente de jogos de futebol (e em alguns casos, de outras modalidades) e todos os entrevistados tiveram desde muito cedo uma exposição muito próxima e direta ao Belenenses, nenhum entrevistado indicou não frequentar o

complexo desportivo do Belenenses e desta forma o principal contacto foi sendo feito diretamente com o clube e não por via indireta, por imprensa, rádio ou televisão. Esta situação está bem patente na afirmação do Daniel quando questionado sobre o que é ser Belenenses:

“para mim é uma pergunta difícil, mas para mim, como cresci aqui, está enraizado, eu desde pequenino que encaro isto como a minha casa, é aqui que eu me sinto bem...” (Daniel, 33 anos, Engenheiro Civil)

Os testemunhos sobre as idas ao restelo e as experiências a assistir a jogos multiplicam-se, o Francisco por sua vez dá-nos um testemunho bastante detalhado sobre o ser uma criança de seis anos no Estádio do Restelo:

“Nessa altura não tinha tanto interesse no jogo em si, era mais pelas multidões, eu vibrava com aquilo, as multidões chamavam-me a atenção, adorava, vinham para aqui cinco mil, sete mil pessoas e eu adorava aquilo, a vivência de bancada, mas não tinha consciência do jogo em si, do futebol, mas a vivência, aquilo, mas não era só eu, havia muitos miúdos e brincávamos à bola ali, lá em baixo, às vezes no topo sul, que às vezes ainda abria, pá era o convívio e a emoção, o espetáculo” (Francisco, 43 anos, Comercial)

O Lourenço apresenta um testemunho muito semelhante, acerca das brincadeiras e de diversão no estádio do Restelo:

“...não ligava muito ao futebol, mas ia muitas vezes para o Belenenses, para as salas de convívio e aquilo era fantástico (...) havia lá um parquezito infantil onde eu ia lá brincar, e várias coisas no Belenenses que os miúdos iam para lá brincar...” (Lourenço, 44 anos, Gestor comercial)

A exposição ao Belenenses foi forte no sentido em que foi algo “ao vivo”, algo presencial. Desde criança que a maioria deste conjunto de entrevistados frequenta e está sujeita à vivência própria de um estádio de futebol e aos comportamentos de um conjunto de adeptos de futebol no ambiente de jogo/competição independentemente de terem já interesse pelo jogo/desporto em si, como explica o Lourenço:

“...apesar de eu não ser um grande adepto de futebol na altura, de não ligar muito, fui ganhando esse amor, um amor que as pessoas não percebem...” (Lourenço, 44 anos, Gestor comercial)

Estes são alguns exemplos de um processo progressivo de ligação ao clube onde o fator das experiências vividas tem um destaque considerável no discurso e expande os fatores da filiação clubística para além da influência familiar. O clube em si, tanto ao nível dos restantes sócios como ao nível da infraestrutura (Estádio e complexo desportivo do Restelo) parecem funcionar como um contexto que ativa e fortalece a identidade pela vivência e experiências que proporciona.

Estes processos são contínuos e progressivos, no entanto alguns entrevistados referiram também determinados episódios marcantes relevantes para a efetivação da sua condição “Belenense”. O caso do Vicente exemplifica bem o processo de exposição descrito acima mas demonstra também a importância

atribuída a um episódio marcante. O Vicente recorda parte da experiência de ir ao Restelo ver os jogos quando tinha quatro anos:

“O meu pai vinha sempre ver jogos de futebol, morávamos em Benfica mas vínhamos para aqui para o Restelo, eu lembro-me sempre bem do caminho que fazíamos de Benfica até ao Restelo, portanto o gosto pelo Belenenses começa muito cedo” (Vicente, 48 anos, Empresário)

Mas quando questionado se foi logo desde essa época que se começou a sentir como adepto do Belenenses, acrescentou o seguinte:

“Sim, eu desde sempre tive, lembro-me bem o que me marcou, a melhor recordação que tenho do Belenenses também, embora tenha visto jogos, lembro-me esporadicamente de alguns jogos, mas naquela idade da adolescência digamos assim, em que todos os rapazes se afastam um pouco do futebol, depois é outra coisa, temos as saídas à noite, as miúdas e tal, mas o que me agarrou fielmente foi a final da taça, tinha 18 anos, a vitória na taça de Portugal contra o Benfica, e essa é a primeira grande recordação do Belenenses que eu tenho (...) lembro-me de vir ver jogos ao Belenenses mas não era aquela coisa, houve ali um click” (Vicente, 48 anos, Empresário)

Na mesma linha do testemunho do Vicente, o Vítor relata um episódio marcante:

“se a gente recuar aqui uns tempos houve uma data que me marcou, em 1956, quando o Belenenses perdeu o campeonato para o Sporting, eu fui pela mão do meu pai, tinha para aí uns 7 ou 8 anos, e tudo aqui me impressionou e impressionou pela negativa, eu quando dou por mim, sou um miúdo de 7 anos, no final do jogo vi toda a gente a chorar, dramático, um clima dramático e eu sem perceber o que se estava a passar e senti-me envolvido por aquele clima e então é que eu pensei, é por aqui que eu vou, é pelos mais fracos, é pelos que perderam e partir dali comecei a ter consciência do que era ser Belenenses” (Vítor, 71 anos, Reformado)

Estamos perante dois episódios alusivos a dois dos momentos mais emblemáticos e célebres da história do Belenenses mas por motivos contrastantes. Estes episódios ocorreram em fases consideravelmente distintas da vida do Vicente e Vítor, enquanto o primeiro estava na adolescência (18 anos) o segundo era ainda uma criança (7 anos). São também episódios que ocorrem em fases distintas da existência do próprio clube, em 1956 o clube era ainda uma potência do futebol nacional enquanto que em 1989 já estava numa fase descendente em termos de sucesso desportivo.

Enquanto que no caso do Victor, o elemento que efetivou a sua condição de Belenenses após um período de menor interesse, foi uma vitória na segunda mais importante competição desportiva nacional e frente à maior potência desportiva nacional (em termos de dimensão associativa, palmarés e mediatismo), nas palavras do próprio Vicente, houve um “click”. No caso do Vítor o episódio marca pela carga dramática e pelo impacto histórico que teve no clube, considerando que da totalidade das edições do campeonato nacional da primeira divisão de futebol apenas duas edições não foram conquistadas pelos três grandes, o impacto de uma conquista quase exclusiva seria muito grande.

Estes dois casos distinguem-se pelo destaque dado a um episódio específico, por contraste à maioria dos casos onde não há um acontecimento específico ou determinante para a filiação no Belenenses. Estes episódios são percecionados pelos entrevistados como um elemento catalisador determinante para a sua escolha clubística, contudo é necessário enquadrar o contexto em que tanto o Vicente como o Vítor vivem esses episódios. Ambos são já Belenenses por influência familiar e muito provavelmente foi essa condição necessária para que pudessem viver os episódios que os marcaram e que destacaram.

Outros episódios assinaláveis incluem assistir pela primeira vez a uma coreografia com fumos e tochas por parte da Fúria Azul que marcaram o José, um sentimento de injustiça perante um *“roubo escandaloso da arbitragem”* num jogo entre o Belenenses e o Sporting em 1982 que fez o Alfredo, apesar de já ser Belenenses por via familiar, decidir ser Belenenses de facto ou a recordação de *“num jogo com o Benfica, de ao intervalo a claque do Benfica agredir o homem que mudava o resultado”* por parte do Jorge que o deixou com *“com empatia pelo clube injustiçado, agredido”*.

Contudo, em todos os casos de perceção de um episódio marcante como determinante para a filiação clubística, há a presença de um historial, com maior ou menor peso, de exposição e vivência no clube. Não foi identificado junto dos entrevistados um caso de *“Belenenses espontâneo”*, independentemente da perceção que os mesmos possam ter. No caso dos dois exemplos referidos anteriormente, Vicente e Vítor, para todos os efeitos, ambos já tinham um historial familiar e/ou comunitário com o Belenenses antes do episódio que percecionam como tendo sido o elemento decisivo para consolidarem a sua filiação. Sem esse processo é legítimo discutir se os episódios vividos teriam sido percecionados da mesma forma.

Tendo sido abordada a questão da influência familiar, é importante abordar também a questão dos entrevistados cuja filiação clubística não se deu por via da influência do pai ou ocorreu sem qualquer influência familiar. Nesta situação estão quatro entrevistados sendo que dois deles tiveram um processo de filiação muito semelhante aos descritos anteriormente, mas cujo agente socializador não foi o pai, mas sim o tio em um dos casos e o avô noutro. O Daniel é um destes casos em que a principal figura de referência foi o tio, irmão do pai, e cuja história é curiosa na medida em que esteve igualmente sujeito à influência do pai, adepto do Benfica, que o levou a ver jogos do Benfica:

*“Tenho trinta e três anos mas a minha ligação ao Belenenses tem os mesmos trinta e três anos, eu sou sócio, faço este ano 25 anos de sócio, só fui sócio aos 5 anos, mas desde muito mais novo do que isso que me lembrava de vir ao Restelo acompanhado pelo meu tio. Curiosamente, o meu pai é benfiquista, levava-me aos jogos do Benfica, o meu tio levava-me aos jogos do Belenenses, no mesmo fim de semana chegava a ir a dois jogos diferentes, ver o Belenenses e ver o Benfica, mas a minha decisão sempre pendeu mais e aqui estou eu hoje, sempre pendeu mais para o Belenenses. A partir dos cinco, seis anos vim sempre que podia, mais tarde o meu tio afastou-se um pouco e eu continuei a vir ao Restelo, sempre a vir ao Restelo até hoje.”*  
(Daniel, 33 anos, Engenheiro Civil)

Sendo a influência do pai um dos fatores de filiação clubística identificado como mais preponderante, a ação de um familiar fora da família nuclear, especialmente considerando que esta ação teve de competir com a influência de um membro da família nuclear, o caso do Daniel torna-se particularmente distinto. Questionado sobre esta predominância da influência do tio sobre a do pai, o Daniel responde:

“Essa é uma boa questão, eu acho que o meu tio fazia o sacrifício de ir ao outro lado, ao seixal, buscar-me, trazer-me a ver o jogo e ir levar-me e, epá, eu desde pequeno ... eu era pequeno e valorizava muito. Era uma época em que o Belenenses ganhava muito mais do que nos últimos dez anos e isso ajudou bastante, eu também ... a verdade é que desde pequenino nunca houve qualquer hesitação e eu nunca tive dúvidas, para mim sempre foi o Belenenses e curiosamente hoje em dia um dos clubes com quem eu tenho mais antipatia é mesmo o Benfica”. (Daniel, 33 anos, Engenheiro Civil)

O processo de filiação clubística do Daniel é essencialmente semelhante a todos os outros descritos anteriormente, ocorreu desde muito cedo em criança e houve uma presença assídua no Estádio do Restelo desde sempre e que se manteve até aos dias de hoje sendo que o principal elemento diferenciador é que este ocorreu por ação e esforço reconhecido do tio.

O outro caso de influência de família alargada deu-se com o Rogério, mas de um modo substancialmente diferente e onde a influência dos Avós não terá sido direta. O caso do Rogério apresenta talvez o processo de filiação mais distinto devido à combinação das influências de vários fatores diferentes, nomeadamente a influência familiar, a influência de pares e a prática de desporto. Relativamente à influência e contexto familiar o próprio refere dois episódios específicos onde um avô era do Belenenses e teve até oportunidade de jogar futebol pelo Belenenses e ainda um tio-avô que teve também uma proposta para lá jogar, episódios que deixaram algum impacto:

“... portanto eu tinha um avô materno, embora não tivesse uma relação muito próxima no dia-a-dia com ele, que era do Belenenses, o que consciente ou inconscientemente deixa sempre dentro de alguém, aqui uma sementinha.” (Rogério, 44 anos, Empresário)

Não havendo ação direta de um agente socializador específico como um pai ou uma mãe, houve, contudo, um historial familiar ligado ao Belenenses, situação que foi combinada com uma liberdade ou ausência de influência dos pais em termos de preferência clubística, ao contrário do que sucedeu na totalidade dos entrevistados que se tornaram Belenenses por influência familiar, neste caso não houve uma figura central que agisse diretamente sobre o Rogério, como o próprio diz:

“O meu pai e a minha mãe embora não fossem ferrenhos adeptos do Belenenses, o meu pai muito menos porque era do Benfica, sempre foram pessoas que me deram sempre em toda a minha vida muita liberdade e portanto, não da parte do meu pai e da minha mãe, pá aquela coisa ... que eu por acaso faço aos meus filhos, e que às vezes até me sinto mal de incutir Belenenses, são verdadeiras injeções que eu dou nos meus filhos” (Rogério, 44 anos, Empresário)

Apesar de considerar que não foi diretamente influenciado ou incentivado pela sua família, verifica-se que há de facto na família diversos elementos, histórias e acontecimentos com ligação ao belenenses e que criaram uma exposição e familiaridade ao Belenenses. É importante referir outros três elementos referidos pelo Rogério: em primeiro lugar a questão da proximidade geográfica que o próprio destaca como justificação para a sua filiação clubística: “... eu sou de Algés, também há aqui uma questão de proximidade territorial que ajuda também...”; Em segundo lugar a prática de desporto federado em camadas jovens que entre a exposição ao clube o envolveu em episódios marcantes com figuras emblemáticas do clube como os dirigentes Mário Rosa Freire ou Acácio Rosa. Por fim a frequência e familiaridade com o Restelo e com os Belenenses por via da prática desportiva fez com que fossem desenvolvidas relações e amizades que culminaram na participação e envolvimento na claque do Belenenses, a Fúria Azul que o acolheram e receberam:

“... eu começo a frequentar o Restelo muito ali por causa das relações com a Fúria Azul (...) aquilo que eu sou Belenenses deve-se muito a essa vivência depois nessa época e depois pela permanência na Fúria Azul, não só nos jogos, mas pá, noites e noites passadas no Restelo a fazer coreografias, a pintar faixas, a pintar merchandising, estratégias de comunicação e de faixas e de frases e, portanto, foi ficando...” (Rogério, 44 anos, Empresário)

Essencialmente o caso do Rogério, não considerando ter tido uma influência familiar direta ocorreu, como referido anteriormente, por uma mistura de episódios e fatores de influência que o próprio acaba por resumir nas suas próprias palavras: “...isto juntando com todo aquele histórico de sementinhas que tinham deixado em mim...”

Pegando nos três casos onde a filiação clubística se deu sem qualquer influência familiar, cada um é um processo e história específica e particular onde o único padrão comum é precisamente a ausência de família enquanto agente influenciador. Os três casos são os seguintes:

- Andreia – localização geográfica e influência da comunidade local;
- Isabel – Influência de pares/relação afetiva;
- Alfredo – Episódio marcante e exposição ao clube por prática desportiva;

O caso da Andreia não há qualquer ligação familiar ao Belenenses, a mãe é adepta do Benfica e o pai adepto do sporting, mas residiam na zona da Ajuda, onde nasceu e foi criada, e essa proximidade geográfica e convivência com um bairro onde ainda nos dias de hoje há uma forte presença e comunidade Belenense foram os fatores de influência como a própria indica:

“... e pronto o Belenenses como era aquele clube com eu que tinha alguma proximidade, porque era da ali da Ajuda e de realmente de nós ouvirmos (os golos a serem festejados no estádio) ... de irmos a pé para o Estádio. Depois na altura eu lembro-me perfeitamente que na ajuda ainda havia muita gente que tinha bandeiras, aquelas bandeirinhas no cassos, bandeiras nas janelas, havia muita gente ali ... eu sei que o Belenenses era um clube nacional mas ali realmente o caminho que me puxou para o Belenenses foi realmente a proximidade , é

um clube que pronto, sempre me disse alguma coisa desde pequena enquanto os outros não me diziam nada...” (Andreia, 34 anos, Imobiliária)

A influência geográfica do bairro da ajuda (e de Belém) é um caso particular na medida em que é a zona onde está e sempre esteve sediado o Belenenses e dessa forma criou uma espécie de bolha. Na caracterização dos sócios feita atualmente é possível observar que esta espécie de órbita dos sócios à volta da zona onde está o estádio do Restelo ainda se mantém. A situação da Andreia apresenta-se como o único caso de um entrevistado que refere o bairro como o principal motivo de exposição e filiação ao clube.

Os casos da Isabel e do Alfredo, apesar de fatores motivacionais diferentes, têm o comum o facto de serem, do conjunto de entrevistados, os que se tornaram Belenenses mais tarde, mais precisamente aos dezasseis anos. Esta situação poderá em parte ser explicada pela ausência de influência familiar para qualquer tipo de filiação clubística e conseqüentemente sem exposição forte ao Belenenses e potencialmente mais suscetíveis de estarem expostos à influência de agentes como os *media* dominados essencialmente pelos três grandes.

A Isabel explica claramente que considera que nunca foi influenciada pela família para qualquer simpatia clubística e que se torna Belenenses devido a um namorado que era do Belenenses e que a leva a frequentar o Restelo e a conviver e experienciar os ambientes e vivências do Restelo, dos jogos e da claque. Já o Alfredo representa, entre os entrevistados, o único caso de mudança de clube pois indicou até aos dezasseis ser adepto de outro clube, o qual não quis indicar. A ligação ao Belenenses começa pela prática de andebol no clube durante um ano pois segundo o próprio “*o Belenenses era uma referência no andebol*” e dessa experiência de um ano antes de ter ido jogar para outro clube “*ficou uma ligação*”, mas a filiação clubística dá-se, segundo próprio, não de um modo gradual mas sim devido a um episódio marcante que resultou numa mudança clubística. Esta mudança é particularmente excecional por dar-se na adolescência, onde já há uma maior consciência de pertença e identificação grupal e num traço identitário considerado estável e continuo como é a filiação clubística (Ben Porat 2010). Questionado sobre como se dá a ligação ao Belenenses e na sequência da explicação sobre ter jogado andebol, o Alfredo relata o seguinte episódio que define a sua filiação clubística:

“Curiosamente foi num jogo no estádio do tal clube do qual eu era adepto em que eu estava a ver o jogo sozinho, sem companhia próxima, e durante o jogo senti que estava a torcer pelo Belenenses e na parte final fiquei lixado com a atitude de falta de fair play do adversário e fiquei mesmo furioso e quando o jogo acabou pensei que afinal estou enganado e afinal sou Belenenses e eu não sabia , por isso eu acho que sou o Belenenses mais puro porque não tive a influência de ninguém...” (Alfredo, 60 anos, Empresário)

Estamos perante outro caso semelhante aos relatados anteriormente acerca do impacto de se viver um episódio marcante. A diferença no caso do Alfredo é a ausência de uma influência familiar, sendo que a pré-condição existente de ligação ao Belenenses dá-se por via da prática desportiva. Apesar

do discurso ser no sentido de se ter tornado Belenenses por via de um episódio marcante, há mais uma vez uma pré-condição determinante, o ter jogado Andebol no Belenenses e como o próprio referiu, ter ficado uma ligação ao clube após essa experiência.

Tanto no caso da Isabel como no do Alfredo, após a consciência de preferência clubística a condição de adepto manteve-se e foi crescendo gradualmente ao ponto da intensidade da sua preferência e ligação ao clube não ficar aquém da maioria dos outros adeptos/sócios cuja filiação foi feita pela via mais comum, a familiar. Enquanto que na maioria dos casos há uma combinação dos fatores familiares e comunitários determinantes para a consolidação da filiação clubística, no caso destes dois entrevistados, havendo ausência de influência familiar há um óbvio papel dominante dos elementos sociais e comunitários na filiação clubística e ilustra mais uma vez o peso do clube enquanto agente socializador e enquanto elemento chave na consolidação da filiação clubística.

Ao identificar a família e um sentimento de comunidade/pertença como os elementos dominantes e justificativos para a filiação clubística é possível associar este conjunto de adeptos do Belenenses a uma visão mais tradicionalista do futebol em particular e do desporto em geral. A família, maioritariamente por via paternal, é o elemento de filiação inicial sendo por esta via que se dá o processo de identificação o com o clube e que vai posteriormente criar exposição aos elementos que o consolidam enquanto adepto, na sua maioria, identificados pelos entrevistados, como sendo de cariz comunitário e social.

### **3.2. O ser “Belenenses” – Processos de consolidação da identidade clubística**

Ser Belenenses é uma filiação clubística assente em que tipo de valores e comportamentos? É importante mais uma vez relembrar o cenário desnivelado e desequilibrado no futebol Português e refletir sobre o impacto que um domínio quase absoluto de três clubes tem na estruturação da massa adepto dos adeptos de futebol em Portugal. Ter presente este cenário é importante para discutir aquilo que caracteriza os adeptos do Belenenses. Segundo a perspetiva dos mesmos, os Belenenses, ou mesmo adeptos de outros clubes de menor dimensão, tendem a ser caracterizados pelo que não são, ou seja, a perceção generalizada é a de que se caracterizam sobretudo por não serem adeptos do Benfica, do Porto ou do Sporting. No contexto de uma resposta à questão “como é ser Belenenses” nos diferentes contextos e nas diferentes etapas da vida, há um padrão que surge na larga maioria dos entrevistados e que se prende com as reações dos outros (os adeptos dos “três grandes”, um grupo percecionado como maioritário e dominante) à sua condição de “Belenenses”. Os entrevistados percecionam essencialmente dois tipos de reação à sua filiação clubística: incompreensão ou condescendência, sendo que do total de dezassete entrevistados apenas três não se manifestaram diretamente sobre esta situação.

Neste contexto, a incompreensão refere-se à surpresa e descrença manifestada em relação à assumida condição de adepto exclusivo do Belenenses. De acordo com a perceção dos entrevistados,



fazer parte de um grupo minoritário faz com que a legitimidade do seu papel de adepto de futebol esteja frequentemente a ser colocada à prova e a necessitar de afirmação/validação perante uma estrutura futebolística de adeptos caracterizada por uma cobertura quase universal dos “três grandes”. Essa incompreensão manifesta-se essencialmente pelo questionar ou necessidade de confirmar se de facto as pessoas são Belenenses. Essa necessidade deixa transparecer uma estranheza perante o facto de não só serem adeptos do Belenenses mas também de não serem adeptos de um dos três grandes. Esta situação desperta uma reacção negativa e de frustração entre os entrevistados e está bem espelhada no seguinte conjunto de afirmações:

“... o que me chateia é quando perguntam: Ok és do Belenenses e vá ... dos três grandes qual é o teu clube?” (Duarte, 18 anos, Estudante)

“Ah mas isso é o teu segundo clube, qual é o teu clube ?” (Daniel, 33 anos, Engenheiro Civil)

“Irrita-me a pergunta: Ah mas deves ter um segundo clube ?, Pá vai à m\*\*\*a ... ou aquela do: És o único que eu conheço. Pá não é fácil ... ou então: “És do Benfica ? Não, És do Sporting ? Não, és do Porto? Não ... e depois olham para ti do género: Não gostas de futebol ?” (Rogério, 44 anos, Empresário)

“Depois é o que nós nos deparamos, o que nós temos e que me chateia profundamente (...) quando nos perguntam: Então és de que clube? És do Belenenses, então mas és do Belenenses e mais de quem? Epá eu fico possesso” (Vicente, 48 anos, Empresário)

“... sempre o disse e tenho orgulho em dizer alto desde miúdo: então és de que clube ? Benfica ou do Sporting ? – Então não há outros clubes ? E então qual é o teu segundo clube ? Aí é que eu ficava maluco ... qual é o teu segundo clube ? é a seleção nacional ... epá isso é que eu ficava furioso ... deixa-me furioso” (Dinis, 26 anos, Profissional de restauração)

Este tipo de situação foi referida por nove dos dezassete entrevistados como sendo algo comum e frequente e em todos eles desperta uma reacção negativa. O padrão que se observa no discurso dos entrevistados é o de se queixarem das dúvidas sobre a exclusividade da sua filiação clubística ao serem questionados sobre qual é o seu clube “grande”, assumindo que um adepto de futebol em Portugal tem de forçosamente ser adepto de um dos três grandes.

Já a condescendência surge como uma face diferente da mesma relação entre o grupo maioritário dominante, constituído pelos três grandes, e um minoritário, Os Belenenses. Uma aparente reacção solidária e positiva à condição de Belenense, desperta o mesmo tipo de reacção negativa de frustração e irritação por ser vista precisamente como condescendente e como reflexo de superioridade. Este discurso está presente nos cinco entrevistados que não levantaram a questão da incompreensão mas é mencionada também por alguns restantes entrevistados referidos anteriormente. O discurso da Andreia acerca desta matéria é muito ilustrativo desta situação:

“... muitas pessoas que eu conheço dizem assim: Ai eu simpatizava com o Belenenses; Ah do Belenenses somos todos ... aquelas coisas que nos irritam (...) eu não conheço nenhum Belenenses que simpatize com nenhum clube, ou quando simpatizam é com o clubezinho da

terra ... basicamente é isso que me irrita quando dizem que simpatizam com o Belenenses, porque o veem como um clubezinho da terra” (Andreia, 34 anos, Imobiliária)

Esta citação ilustra bem o padrão que se verifica nos restantes entrevistados que levantaram esta questão.

Nos seguintes trechos é possível identificar a mesma reação:

“...Irritava-me sempre aquela coisa “ah também gosto do Belenenses, é um clube simpático”, não achava graça, não acho graça ... não ... aliás costumo dizer “ótimo”, por exemplo não acho graça a mais nenhum clube, não acho graça quando vêm com essa condescendência do clube simpático, não me diz nada, não acho que seja simpático...” (Isabel, 46 anos, Web designer)

“... o Belenenses normalmente é visto como um clube simpático, o que não é uma coisa simpática ... porque assim a simpatia é “eles são simpáticos, nós ganhamos-lhes sempre”, eu gostava mais de não ser simpático., era sinal que perdiam mais vezes...” (Alfredo, 60 anos, Empresário)

“tenho coisas que me irritam, que é chegar a um lado qualquer e Ah o belenenses ... é um clube simpático, eu quando me dizem que o Belenenses é um clube simpático mais valia darem-me um tiro porque a mim é a aceitação da menoridade ...” (Vitor, 71 anos, Reformado)

Esta percepção de uma atitude de condescendência em relação à sua filiação clubística está menos presente no discurso dos entrevistados do que o questionar de exclusividade e legitimidade da filiação clubística mas desperta uma reação negativa igualmente forte. Entre incompreensão e/ou condescendência, estas atitudes que lhes foram dirigidas foram destacadas por treze dos entrevistados no contexto da resposta ao pedido de definirem aquilo que é o Belenenses e demonstra um padrão de tensão e de luta constante pela legitimação e afirmação da sua filiação e identidade clubística a qual é feita por referência ao modo como os outros (os adeptos dos “três grandes”), em seu entender, os percecionam. Esta questão é pertinente para os valores que estão por trás da filiação clubística dos Belenenses por um lado e pelo entendimento/percepção que os entrevistados têm do que serão os valores que os adeptos dos três grandes têm a suportar a sua filiação clubística. Esta aparente diferença de visões e modos de estar no futebol pode criar alguma tensão na medida em haverá noções e ideias diferentes no entendimento do que é ser adepto de um clube. No caso dos três grandes há uma cultura de vitória e é possível assumir que há um bem-estar emocional que os seus adeptos obtêm a partir do sucesso desportivo traduzido por vitórias e conquistas de títulos ou pelo menos pela disputa frequente dos mesmos. No caso dos adeptos do Belenenses a desvalorização desse elemento pode não ser compreendida pelos adeptos dos três grandes e daí surgirem as reações que despertam o sentimento de hostilidade e frustração junto dos belenenses.

Este sentimento de hostilidade é uma questão pertinente para abordar a leitura que os entrevistados fazem do que é “ser Belenenses”, na medida em que os discursos apresentados convergem todos no sentido de referir que é algo difícil. Quando questionados sobre o que é ser Belenenses ou sobre quais as principais características que identificam no adepto/sócio do Belenenses, os entrevistados

destacam vários aspetos, mas há um padrão comum na medida em que todos referem um conjunto de traços associado a um cenário de adversidade e de luta desigual.

Este padrão está presente no discurso do Francisco que caracteriza os Belenenses principalmente por serem um grupo de gente lutadora. Curiosamente o Francisco foi um dos entrevistados que não levantou a questão da incompreensão e/ou condescendência justificando que cresceu na zona da freguesia da Ajuda, uma zona geográfica que concentrava uma grande quantidade de Belenenses e onde não era necessário legitimar a sua escolha. Verifica-se mais uma vez a especificidade dos bairros adjacentes ao Estádio do Restelo verificada anteriormente no discurso da Andreia acerca do impacto que o ambiente “belenense” que caracterizava os bairros da Ajuda/Belém. No entanto, o Francisco é muito efusivo a afirmar que ser do Belenenses é algo difícil. Em resposta à questão sobre o que é ser Belenenses começa por afirmar: “...eu diria que talvez somos... talvez não... somos, somos únicos, somos uma raça muito complicada”. Este tipo de discurso, como será verificado mais adiante, é muito recorrente e uma tónica constante na descrição do que é ser Belenenses. Elaborando um pouco mais explica o porquê da sua afirmação e recorre a uma outra tendência muito vincada na maioria das entrevistas, o conhecimento e identificação com o percurso histórico do Belenenses:

“... pela história que diz isso, desde que nasceu toda a gente já meteu o funeral, já anunciaram o funeral do Belenenses várias vezes e nós cá estamos e mais uma dizem que o funeral do Belenenses vai acontecer e mais uma vez cá (...) nós estamos vivos, isto não há maneira a dar (...). O Belenenses nasceu e tinha a morte anunciada, sempre foi assim e no entanto... tínhamos o campo de pau de fio, do campo de pau de fio passámos para as salésias, das salésias passaram para o restelo (...) e já nos quiseram tirar o estádio, conseguimos outra vez ficar com o estádio (...), nós somos uma raça muito difícil, nós somos os adeptos mais lutadores que existem em Portugal, não tenho qualquer tipo de dúvida, porquê? muitos são dos 3 grandes e porquê? Porque ganham ... e agora explica-me, mas tu gostas de perder? Eu não gosto de perder... mas eu já estou habituado a perder, a empatar e a ganhar...” (Francisco, 44 anos, Comercial)

Até que ponto é relevante o cenário de adversidade que o Francisco e os restantes Belenenses descrevem na condição de adepto e quais os motivos e origem para tal percepção? Mais uma vez é necessário recorrer à história do futebol em Portugal e ao lugar do Belenenses nessa história. É preciso ter presente que o Belenenses é um clube único em Portugal devido à sua história e à condição/estatuto que manteve durante décadas no cenário futebolístico português. Até 1982 era, a par com Benfica, Porto e Sporting, o único totalista da principal competição do futebol Português, o quarto mais titulado e o único clube que mantinha uma dimensão competitiva capaz de ameaçar a hegemonia dos 3 grandes, tendo inclusive quebrado essa hegemonia com a conquista do campeonato nacional em 1945/46. Este contexto é importante para se conseguir enquadrar e compreender a posição que os entrevistados apresentam, especialmente o recurso à história para descrever o que é ser Belenenses e também para justificar determinados comportamentos e opiniões. Este estatuto diferenciador do Belenenses é destacado e explicado pelo Roberto:

“O Belenenses é um clube com uma singularidade muito particular ... não é suficientemente poderoso, eu ia dizer grande mas é grande, não é suficientemente poderoso para enfrentar o poder político e obter favores do poder político, não é suficientemente pequeno e neutro para obter dos poderes públicos apoios (...) é difícil apoiar o Belenenses financeiramente porque o Belenenses não é tão pequeno como alguns dos seus competidores, mas depois o Belenenses, por não ser suficientemente poderoso, não tem os apoios que o Benfica, Porto, Sporting têm. Esta circunstância da vida do Belenenses cria em nós às vezes um sentimento de injustiça, mas também cria em nós esta ideia de que efetivamente somos diferentes e que vivemos de uma forma diferente e que nos regemos por princípios diferentes o que torna também as nossas vitórias, que não são tão expressivas e numerosas quanto gostaríamos, mas também torna-as mais saborosas.” (Roberto, 41 anos, Técnico de Recursos Humanos)

Este testemunho tem presente a perceção do Belenenses enquanto clube com um estatuto diferente, mas também avança com uma justificação para o fosso que existe para os clubes dominantes. O mesmo padrão é identificável no discurso do Lourenço que, tal como o Roberto, atribui ao Belenenses o estatuto de clube diferente e acrescenta mais uma visão sobre o Belenenses ter sido impedido de alcançar um estatuto maior:

“... Podia ser o maior clube de Portugal, porque já fomos um dos clubes mais importantes, já fomos o mais importante e fomos um clube constantemente gamado, desapropriado das coisas. Tiraram-nos campos, tiraram-nos história e essa forma de ser acaba por ter a ver com quem é do Belenenses. Quem é do Belenenses normalmente é um rebelde, é alguém que não vai com a manada, são o tipo de pessoas que se indignam com o que se passa no país ... essas pessoas são Belenenses (...) Eu acho que o adepto do Belenenses é aquela pessoa que não alinha com a maioria, que tenta-se separar, gosta de coisas difíceis .... Fácil não nos interessa, nós queremos é o difícil e tendemos sempre a ir por caminhos difíceis ... acho que esses são os principais traços ... perseverança ... não temos medo de ... acho que pegando um bocado na história... (Lourenço, 44 anos, Gestor comercial)

Tal como o Rogério e Lourenço, a quase totalidade dos entrevistados recorre diretamente à história ou a episódios históricos para justificar quais são os traços distintivos do adepto/sócio do Belenenses (apenas um não fez esta associação diretamente mas a mesma estava implícita no restante discurso). O Nelson, por exemplo, diz que “*assim é muito difícil ser do Belenenses*” e explica também com o facto de o Belenenses ter sido uma ameaça a uma hegemonia e ter sido prontamente travado por motivos extradesportivos e inclusive justifica e condena a postura condescendente em relação ao Belenenses:

“Em 1919, um ou dois anos depois, fomos obrigados a jogar numa segunda divisão da associação de futebol de Lisboa (...) então já viste, nós começamos e já estamos a ganhar, e o primeiro jogo que fazemos com os lampiões nós limpamos-lhes o sebo, com os lagartos também, epá estes gajos são perigosos, portanto não é os coitadinhos que toda a gente diz. Havia um clube do regime (Benfica) e havia um clube que era tolerado porque tinha ligações à legião portuguesa e ao regime também ... que era o Sporting (...) o Porto praticamente não existia, não pregava. Naturalmente tínhamos dois clubes do regime e mais um (Belenenses) que começou a ganhar títulos, que chatice.” (Nelson, 44 anos, Comercial)

O discurso do Nelson não é tanto no sentido de se considerar um sofredor por ser adepto mas no sentido de estar alinhado com o reconhecimento de um contexto histórico adverso para o Belenenses e que de alguma forma se traduz num contexto adverso para os apoiantes do mesmo. A ideia de um domínio e de história de dificuldade de um clube perante esse domínio esteve presente em todas as entrevistas realizadas e seria possível ilustrar esse padrão com um número considerável de citações de todos os entrevistados, desde as mais elaboradas e justificativas até às mais simples e diretas (isto levaria a alguma redundância de informação visto todos seguirem uma argumentação muito semelhante). Há, no entanto, um interesse adicional em destacar o discurso de dois entrevistados, o Dinis e o Vítor, respetivamente o Belenenses mais novo e mais velho a serem entrevistados, com 18 e 71 anos e a convergência/alinhamento entre dois adeptos/sócios que representam uma das gerações mais antigas e uma das mais recentes de Belenenses.

“Este é o selo que eu atribuo aos sócios do Belenenses, estar sempre do lado do mais fraco e depois tentar ser forte, nós não somos um grande clube, somos um enorme clube porque para isso basta ver que vivemos há 100 anos entalados entre dois colossos em Lisboa, Benfica e Sporting, e temos 100 de história, 100 anos de títulos e glória, fornecimento de jogadores às seleções todas, recordistas em todos os lados e isto define de facto para mim um grande clube, não tenho hipóteses de ver o Belenenses senão como um grande clube. Epá custa, tem custado, a gente sofre pressões de todo o lado, pressões clubísticas, pressões políticas. As facadas nas costas são muitas, isso ao longo da história ...” (Vítor, 71 anos, Reformado)

“É um adepto romântico e resiliente porque a história do Belenenses foi feita de dificuldades. Logo ao início disseram que o Belenenses não durava meia dúzia de anos e estamos a celebrar o centenário e ao longo da nossa história houve imensos momentos que o Belenenses esteve para acabar ou esteve em grande dificuldade, por uma razão ou por outra os Belenenses nunca deixaram que isso acontecesse, pegaram no clube e cá estamos, portanto acho que somos resilientes e ... românticos, acho que temos uma ideia um bocado romântica do futebol...” (Dinis, 18 anos, Estudante)

Estes dois exemplos de alinhamento inter-geracional ilustram que independentemente da idade e do tempo de ligação ao Belenenses, os episódios relatados e exemplos utilizados para demonstrar determinada opinião ou visão, ilustram o conhecimento e domínio generalizado da história do clube que todos os entrevistados manifestaram, com maior ou menor intensidade.

É através da história do clube, vista como uma história de luta e adversidade, que os entrevistados começam por justificar a sua visão do que é ser Belenenses. É também através da história que a distinção face aos restantes clubes é justificada. A recorrência e unanimidade deste tema junto dos entrevistados sugere que no processo de socialização para o clube, seja na fase de identificação ou na fase de consolidação, há uma transmissão gradual e progressiva destes elementos e consequente assimilação na identidade de Belenenses.

Esta situação generalizada de atribuição de grandeza e peso institucional, por um lado, e o reconhecimento de distância para os três clubes dominantes seria aparentemente contraditório mas

reforça o estatuto de clube “diferente” e “único” ao permitir um distanciamento do seu clube face a todos os outros. O distanciamento face aos três grandes é feito destacando que o Belenenses é caracterizado por uma honestidade e valores que se sobrepõem à vontade de ganhar a qualquer custo que caracteriza fortemente o Benfica, Porto e Sporting. Em relação à diferenciação para os restantes clubes, é a dimensão e impacto histórico (títulos, presenças na liga, dimensão de massa associativa) que distingue o Belenenses dos restantes. Na sequência de questões sobre em que medida é que clubes potencialmente na mesma situação de adversidade não partilham traços e características identificadas no Belenenses. O padrão que foi possível identificar foi que a principal diferença face aos restantes clubes é o de que os Belenenses não são marcados pelo bi-clubismo e são adeptos de um clube com um peso histórico e desportivo que os restantes clubes não têm.

É neste contexto que é pertinente levantar outra questão: perante um cenário tão adverso, onde está a gratificação e o apelo de ser Belenenses? Sendo uma das vantagens da filiação o prazer e bem-estar emocional que se obtém do desporto, sem forçosamente o praticar, ou ter a capacidade de praticar. Se, conforme descrevem Branscombe e Wann (1991), ser adepto de um clube permite que os indivíduos possam tomar parte no jogo sem necessitar de talento ou capacidade para o conseguir jogar, seria de supor que a opção fosse por uma filiação que garantisse esse retorno. Se o clube de que um indivíduo é adepto não providencia esse retorno positivo através da face mais visível de sucesso no desporto, os títulos e vitórias, se o indivíduo não quiser mudar de clube tem de procurar esse retorno dentro da paleta de possibilidades que o seu clube lhe fornece. No caso do Belenenses onde está o apelo? Essa questão foi colocada aos entrevistados e, apesar de alguma diversidade nos motivos, foi possível identificar a sensação de comunidade e de pertença que o ser adepto do Belenenses providencia como o padrão recorrente, um fator que já tinha sido identificado como sendo fulcral para a consolidação da filiação clubística.

No contexto de uma resposta sobre a opinião que tinha sobre o comportamento e reação dos adeptos, o Eduardo destaca a proximidade que existe entre os Belenenses e a possibilidade de envolvimento institucional devido ao facto dessa proximidade se estender inclusive aos dirigentes e aos atletas:

“...tu tens ali o teu núcleo que não o encontras em mais lado nenhum (...) é impensável tu ires a um jogo e passar por ti o presidente e tu páras e dizes uma coisa, ou ver o jogador que passa por ti, essa proximidade faz com que tu sintas também a capacidade de dar a volta por cima, passa por ti também, não é: olha agora eles que resolvam isto, percebes que tu de facto fazes a diferença....” (Eduardo, 38 anos, Administrativo)

Esta perceção de inclusão é igualmente partilhada pelo Duarte e pelo José que apresentam um discurso semelhante:

“... acho que aqui é mais puro e aqui é mais próximo, por exemplo, tenho amigos de outros clubes que acham piada ao facto de muitos dos adeptos se conhecerem de vista , e mesmo da

direção andar por aqui como se fosse uma pessoa normal, não é distante e sentimos que somos parte do clube efetivamente ...” (Duarte, 18 anos, Estudante)

“...Eu falo por mim, eu gosto do Belenenses porque eu acho que eu sinto que tu pertences ao clube, ou seja, a tua presença num jogo ... eu pessoalmente sinto, a minha presença num jogo de andebol ou futebol, pode ajudar a equipa a chegar à vitória, o que eu acho que não há nos outros clubes...” (José, 29 anos, Contabilista)

O testemunho do Alfredo vai no mesmo sentido, ao reforçar a noção de que o Belenenses faz com que os seus adeptos se sintam incluídos, mas avança também com a sua explicação para este sentimento de inclusão: a menor dimensão da massa associativa dos Belenenses:

“...isso é verdade porque nós somos poucos, é mais fácil sentirmo-nos todos como uma família, mas eu acho que ainda bem. Não é ainda bem que somos poucos, mas ainda bem porque permite viver esta experiência que é única e que sempre achei que distinguia de alguma forma, os Belenenses dos outros clubes, dos outros clubes, enfim, grandes” (Alfredo, 60 anos, Empresário)

Esta noção da relação entre dimensão e comunidade foi também referida pelo Vítor de um modo muito direto: “...aqui o nosso clube por sermos poucos, havia ali um bocado familiaridade nesse aspeto...”. Para além da sensação de pertença e inclusão há um outro fator implícito nestes testemunhos, mantém-se a tendência de atribuir um carácter único e distintivo ao Belenenses. Expressões como “...aqui é mais puro e mais próximo...” reforçam a ideia de um estatuto único já referido anteriormente. O Belenenses ser diferente de todos os outros parece ser o padrão comum e recorrente no discurso geral dos Belenenses, seja por via do tipo de vivência e comunidade que proporciona, seja pela via da adversidade que enfrentou e continua a enfrentar ou mesmo pelo próprio palmarés e peso no desporto nacional.

É possível afirmar há uma tendência para elementos mais tradicionais na composição da filiação clubística dos entrevistados. A questão da comunidade é reforçada com a questão de uma ligação mais “genuína” e “pura” ao seu clube, e que é forçosamente uma ligação muito forte e empática tornando-a mais autêntica e real do que nos casos dos clubes dominantes onde as conquistas são mais frequentes:

“...são pessoas que têm um grande amor ao clube, porque noutros clubes ... daqueles que falámos, Benfica e Sporting, basicamente é assim, eu não duvido que eles gostem lá dos clubes deles, mas é gostar como quem gosta sei lá, de uma banda ou de uma série que se vê, não vejo grande paixão, pelo menos as pessoas que eu conheço, dessas pessoas pelo clube como nós belenenses sentimos não é?” (Andreia, 34 anos, Imobiliária)

É possível enquadrar a descrição que a Andreia faz dos adeptos de Benfica e Sporting no adepto moderno/novo e no modo como estes divergem dos tradicionais em termos dos elementos que sustentam a sua filiação clubística. Estes adeptos personificam uma fascínio contemporâneo com o consumo e a cultura consumista. É assumido que estes fãs novos estão abertos a influências de mercado, tanto a nível do que consomem como a nível do clube de futebol ou até do desporto que seguem (Rein, Kotler, Shields, 2006). O gostar de um clube como de quem gosta de uma série é uma crítica que espelha o modo como Dixon (2015) resume estes adeptos como sendo atraídos para equipas em função do seu

sucesso em oposição a consequência de uma herança pessoal, de celebridade/fama em oposição a carácter e de progresso em oposição à manutenção da tradição. Por outras palavras, os fãs modernos escolhem o clube que querem apoiar da mesma maneira que um consumidor escolhe uma peça de vestuário.

É necessário ter presente que estes entrevistados, especialmente os mais novos, estão sujeitos às influências de mercado a nível futebolístico, mas acabaram por manter a filiação clubística a que foram expostos na infância e/ou adolescência. Esta manutenção sugere um processo de consolidação da identidade de adepto assente na vertente mais tradicional, com foco na comunidade e tradição.

A importância do sucesso desportivo traduzido enquanto conquista de títulos é um fator importante visto que comparativamente aos três grandes, o número de títulos no futebol é basicamente residual. A questão dos títulos e vitórias e o modo como é abordada tem um padrão muito particular e também transversal à maioria dos entrevistados. É compreensível levantar a questão das vitórias e das conquistas e da escassez das mesmas, que como já foi visto anteriormente, em parte é atribuída pelos entrevistados a planos, estratégias, ações e jogos de influência deliberados para vedar a passagem do Belenenses da “ameaça” que foi durante décadas, a potencial concretizado, contribuindo assim para a carga de sofrimento e sensação de injustiça enquanto adeptos de futebol.

Como se viu anteriormente, esta capacidade de sofrimento é em parte um catalisador para que os Belenenses ganhem uma ligação mais forte ao clube e por outros motivos que não sejam as conquistas, tais como as sensações de inclusão, participação, pertença e comunidade mais fortes do que noutros clubes, algo que é bem ilustrado pelo Roberto:

“a partir de um determinado momento torna-se absolutamente vital compreender que aquilo que nos liga ao clube não é a alegria permanente da vitória mas é encontrar nas nossas equipas e na nossa identidade coletiva uma identificação com a identidade, passe a expressão, do próprio clube ... o clube tem uma cultura específica e tem uma identidade específica e é isso que me agarra a ele, é isso que me liga ao Belenenses” (Roberto, 41 anos, Técnico de recursos humanos).

A compreensão de que a ligação ao clube não é a alegria permanente da vitória é algo muito presente na maioria dos entrevistados e assiste-se a uma desvalorização de uma cultura de vitória, ou mais especificamente do que consideram ser uma filiação clubística apenas “porque se ganha” associada ao adepto moderno.. A aversão à cultura de vitória é um dos temas mais presentes no discurso dos entrevistados e surge na sequência de diferentes contextos sendo que o mais comum é para explicar que ser do Belenenses é ser diferente precisamente porque a ligação ao clube vai para além dos resultados e desempenho desportivo. A opção pela palavra “aversão” tem como propósito ilustrar que há um desdém da parte dos entrevistados, há uma ideia de que “ser” de um clube apenas porque ele é ganha é algo fútil ou superficial, como bem ilustra a visão da Andreia após descrever a sua própria ligação e paixão pelo Belenenses:



“...eles são apaixonados é pelas vitórias e a verdade é que a maior parte deles não quer saber de honra para nada, quer saber é de vitórias e de ganhar e, para eles, não querem saber, vendem-se ao diabo desde que continuem a ganhar campeonatos, ou no caso do Sporting, quase a ganhar...” (Andreia, 34 anos, Imobiliária)

Este tipo de discurso é bastante recorrente e esta postura de, por um lado considerar que “ganhar” não é o mais relevante para a ligação a um clube, e por outro de desconsiderar o tipo de adepto que tem no “ganhar” o principal ou único motivo para a sua filiação clubística, um tipo de filiação que é contrária a percepção que têm de adepto “como deve de ser” ou, como referido anteriormente, mais “puro”. Esta questão da cultura de vitória que define a filiação clubística dos adeptos dos 3 grandes esteve presente diretamente no discurso de 14 entrevistados. Seguem-se alguns exemplos que ilustram esta postura:

“há pessoas que são porque são (dos grandes) e a vivência é bastante diferente, como é que eu hei de explicar, há pessoas que são adeptas de uma equipa como o Benfica, que ou vão poucas vezes ao estádio, ou só vão quando há uma festa, tipo agora quando eles ganharam o campeonato” (Dinis, 26 anos, Profissional de restauração)

“...quem normalmente é um benfiquista, um sportinguista, quer é a vitória, não interessa se foi com um penalty inventado... isso é secundário... não interessa se é com ajudas de dinheiros e isto e aquilo...” (Lourenço, 44 anos, Gestor comercial)

“...depois chega uma determinada altura em que percebes que ser do Belenenses, pelo menos para mim, ser do Belenenses é muito mais do que ganhar, empatar ou perder, (...) importante era saber que no domingo vinha ao futebol, saber que no domingo seguinte, fosse onde fosse, eu iria estar presente, obviamente que o resultado conta muito e queria sempre ganhar e ficava muito chateado e ainda fico quando não ganho, mas acima de tudo o que importa para mim é o sentimento de ser belenenses...” (Daniel, 33 anos, Engenheiro civil)

Seria possível apresentar muitos outros trechos semelhantes e muitas vezes repetidos pelos mesmos entrevistados. Há, contudo, outro apontamento do Daniel bastante ilustrativo e sumariza bem esta característica que é pertinente destacar:

“... é interessante que uma das músicas históricas do belenenses, que não é o hino mas é histórico - a que clube é que pertences - e será uma das poucas músicas de clube que já prevê no seu tema que o clube perca, é: como gritas quando vences? Belenenses Belenenses Belenenses... e se não vences gritas também. A hipótese de perder está na música, que é uma coisa que é muito rara, não muitos clubes que têm a hipótese do clube perder, o clube é sempre o maior e acho que é uma atitude de uma certa resistência, em ser do Belenenses, independentemente dos resultados. Torna isto um bocadinho mais uma questão de atitude perante o desporto e perante a vida e perante nós próprios e acho que é um fator que cativa, ou seja, há ali algo mais que apenas os resultados.” (Daniel, 33 anos, Engenheiro civil)

Segundo os entrevistados o apelo do clube está em elementos identitários, comunitários e em valores desportivos que designam como “puros”, como por exemplo o de não ganhar a qualquer custo. Apesar da dicotomia entre o tradicional e o moderno ser criticada por alguns autores, essencialmente por haver um reconhecimento de que tanto a continuidade dos valores tradicionais como a mudança para os valores modernos são igualmente pertinentes para compreender o fenómeno do adepto desportivo

(Williams, 2007), no caso dos adeptos do Belenenses a visão do futebol moderno é um aparente referencial negativo para o que conceptualizam como o modelo positivo de adepto, o adepto tradicional assente em valores comunitários.

Um das principais críticas apontadas à utilização de dicotomias ou taxonomias na análise dos adeptos de futebol é a de que estas podem ser tentadores na medida em que são cómodas e simples de usar para identificar categorias de adeptos e os seus respetivos comportamentos. Dixon afirma que esta segmentação pode ser, às vezes, demasiado simplista e que alguns dos modelos usados, não só não têm suporte empírico, como podem ser teoricamente demasiado rígidos. (Dixon, 2016; Crawford 2004). Por outro lado, e pegando na questão da ausência de suporte empírico, a alternativa teórica da modernidade assente no adepto moldado pelo contexto de *“rápidas mudanças sociais e evolução tecnológica, especialmente a nível de comunicação pessoal, e por um desejo de consumo e diminuição de coletivismo”* (Dixon, 2016) não encontra eco nos testemunhos obtidos junto dos entrevistados. Muito pelo contrário, a questão comunitária e quase familiar é um dos padrões mais recorrentes nos testemunhos recorridos e a questão da continuidade, local e comunidade que Gibbons e Dixon (Dixon, 2011) referem como estando presentes no futebol moderno tem uma quase total preponderância.

A taxonomia de adeptos de Giulianotti (Giulianotti, 2002) é uma tentativa de superar a bidimensionalidade teórica de diferenciar os adeptos apenas entre tradicional e moderno, mas à luz dessa taxonomia, todos se apresentam claramente como “Supporters/Apoiantes” demonstrando uma ligação intensa (*“Hot”*) e uma identidade assente em valores desportivos tradicionais (associativismo e militância). Como também foi referido anteriormente, a hipertrofia clubística que Sedas Nunes refere torna mais difícil observar no Belenenses a existência de adeptos/sócios mais assentes numa vertente de consumo e de mercado pelo simples facto desta vertente praticamente não existir fora dos três grandes com impacto suficiente. Quando questionados sobre o Belenenses na ótica do “objeto de consumo”, as respostas foram maioritariamente no sentido de muita presença no estádio e de assistência a jogos de futebol. A perceção generalizada de consumo junto dos entrevistados é a de que o consumo passa por estar presente nos eventos desportivos e não pelo consumo de produtos ou mercadoria associada ao clube.

Enquanto que a perspetiva de que os adeptos estão divididos entre tradicional e moderno coloca óbvias limitações no estudo de algumas realidades, nomeadamente no fenómeno dos adeptos globais que “adotam” filiações clubísticas noutros países, devido à exposição das transmissões televisivas e presença de mercado dos clubes, no caso da realidade Portuguesa, e dos adeptos do Belenenses em particular, é aparentemente adequada dada a forte componente tradicional da sua filiação clubística e uma aparente ausência de elementos associados ao “futebol moderno”. Refira-se também que o objetivo deste trabalho é obter um enquadramento/modelo orientado para identificar os mecanismos subjacentes

à filiação clubística de clubes de menor dimensão ou impacto e para um contexto de desnível e desigualdade desportivo como é o Português

Voltando à questão da relação com os três grandes e de como estes são encarados como a face visível do “*sistema*” que, em parte, foi responsável pela história de adversidade e sofrimento do Belenenses. É possível identificar um certo desdém ou conotação negativa quando os entrevistados referem a “futilidade” de filiação clubística assente apenas em vitórias ou a falta de “ética” em compactuar com práticas de legalidade duvidosa a fim de alcançarem os objetivos. O Lourenço é bastante claro a explicar de onde vem a sua aversão a estes três clubes:

“Vem do sistema que está instituído ... são sempre beneficiados ... depois têm a lata ... eu não vejo programas de comentadores ... isso é uma vergonha... depois têm a lata de se vir queixar ... são sempre beneficiados ...” (Lourenço, 44 anos, Gestor comercial)

Já o Nelson reforça a vontade e necessidade de distanciamento destes três clubes a fim de se diferenciar de um comportamento dominante:

“Eu quero ser diferente dos lampiões e dos lagartos porque ... epá ... se eu for um lampião ou um lagarto ... epá sou mais um na manada ... “ (Nelson, 44 anos, Comercial)

Estes testemunham sugerem que Benfica, Porto e Sporting são percecionados como um único grupo que representa a principal fonte de adversidade que marcou a história do Belenenses. Já os seus adeptos, são um referencial para um modo de estar no futebol que não é apreciado e é até desconsiderado pelos Belenenses. Por sua vez, os adeptos do Belenenses apresentam-se como algo diferente, alicerçado num associativismo de cariz mais tradicional, em oposição ao modelo mais estandardizado e impessoal que associam aos “Três grandes”, e numa ligação mais forte e “pura” alicerçada numa paixão ou amor forte ao clube, numa sensação de inclusão e pertença e também marcada por uma ação deliberada de resistência contra uma ordem estabelecida da qual se querem distanciar.

Este contexto e discurso de “*Nós*” e “*Eles*” permite identificar dois grupos bastante bem definidos, Os Belenenses e os três grandes, onde no primeiro é possível identificar as bases e suporte para aquilo que surge como uma conceção “correta” de adepto e instituição desportiva e, no segundo, encontra-se a definição daquilo que está “errado” e contra o qual os Belenenses resistem e lutam

Estes tipos podem ser entendidos à luz de Merton e da sua teoria dos grupos de referência. A teoria dos grupos de referencia procura sistematizar os determinantes e consequências dos processos de avaliação e “self appraisal” em que o indivíduo recorre aos valores ou “standards” de outros indivíduos e grupos como um enquadramento de referência (Merton & Kitt, 1950) e mais especificamente na identificação de grupos positivos e negativos: “*os grupos positivos estão ligados a uma assimilação motivada das normas de um grupo como uma base para um autoelogio, já o grupo negativo motiva não só a rejeição da não aceitação de normas mas também a formação de contra-normas*” (Merton & Kitt, 1950). Newcomb reforça esta distinção ao fazer também uma distinção entre grupos positivos e

negativos onde um individuo pode orientar as suas atitudes em oposição às normas de um grupo ao qual têm algum tipo de aversão ou de sentimento negativo. (Newcomb, 1952).

É legítimo que ao falar destes grupos se considere que a massa adepta/associativa dos três grandes funciona, para os Belenenses, como um grupo negativo que serve referência para aquilo em que, na sua perspectiva, uma filiação clubística não deve estar alicerçada. Esta referência negativa é ilustrada pela associação que a maioria dos entrevistados faz entre a visão moderna e corporativa do futebol aos adeptos dos três grandes e à ausência daquilo que percebem como positivo para um adepto de futebol: uma ligação ao clube assente na prevalência do associativismo e na comunidade sobre o mediatismo ou o sucesso desportivo.



## CONCLUSÃO

Quem são afinal os adeptos do Belenenses e o que os levou a ser do Belenenses? Desde já é importante referir um conjunto de aspetos. Em primeiro lugar refira-se que todos os entrevistados são sócios do Belenenses, este aspeto por si pode ser visto como indicativo de um elevado nível de compromisso e empenho com o clube. Este associativismo é traduzido numa proximidade com o clube que varia desde a assistência assídua a eventos desportivos (comum a todos os entrevistados) até ao voluntarismo de apresentar propostas formais de melhora, estudos e afins à direção, sendo que pelo meio encontramos uma maioria entrevistados que participam frequentemente em assembleias-gerais e atos eleitorais. Verifica-se também que há uma presença constante do Belenenses no dia-a-dia dos entrevistados, seja pelo constante acompanhar do que se passa na vida do clube, seja pela antecipação e expectativa pelo fim-de-semana para poderem ir ao Restelo assistir a eventos desportivos.

De um modo geral, com base na amostra entrevistada o adepto do Belenenses pode ser visto como um adepto de elevada militância com uma ligação intensa e mais assente na vertente de inclusão e sentimento de fazer parte do clube do que na vertente desportiva e no desempenho positivo das equipas. Este fator surge como um dos principais elementos/processo que sustenta a construção da filiação e identidade clubística.

O adepto do Belenenses visto à luz da dicotomia/oposição “tradicional Vs. consumidor” debatida inicialmente por Tayler e Crichton na década de 70 e que segundo Giulianotti tem sido central e crítica para os debates que têm rodeado o futebol no domínio público alargado (Giulianotti, 2002), apresenta-se como um adepto tradicional e com uma intensidade elevada de ligação ao clube com um investimento pessoal e emocional de longo prazo. A militância e, acima de tudo, o considerar-se parte integrante do clube e conseqüente envolvimento em algo do qual “*se faz parte*” é fundamental para cimentar a sua condição de apoiante do Belenenses.

Em segundo lugar este grupo de adeptos entrevistados apresenta um discurso bastante homogêneo e semelhante relativamente às histórias de vida e experiências pessoais que envolviam o clube. Nesse discurso é possível identificar que as experiências familiares, o sentimento de inclusão na comunidade Belenense, são elementos que apresentam-se como fatores chave da filiação clubística Belenense e efetivação/consolidação desta, e na perceção que têm sobre o clube e adeptos como sendo diferentes dos restantes clubes, sejam eles os chamados “três grandes” ou os restantes clubes. Estes padrões e semelhanças verificam-se em adeptos com perfis consideravelmente diferentes a nível etário, profissional e de habilitações académicas. Aparentemente não se verifica um “tipo” ou “perfil” de adepto diferenciado consoante a “era” ou períodos em que se dá a sua vivência no clube.

Verificou-se que os agentes de socialização primária, nomeadamente o pai na maioria dos casos, foram o principal veículo de exposição e primeira integração no Belenenses. Este processo materializa-

se em ações como ser feito sócio logo após o nascimento ou o acompanhamento de pais ou outros familiares a jogos no Restelo ou Salésias. Este processo de exposição ao Belenenses ocorre na maioria dos casos na infância e, num contexto de socialização primária. O “ser Belenenses” surge como um “significativo imposto” (Berger, Luckmann, 1999) cuja definição lhes é proposta como uma realidade objectiva e dessa forma interiorizada como tal, permitindo assim uma auto-identificação como “Belenenses”. Esta auto-identificação criou as condições para o processo de consolidação da filiação onde é o o clube que surge como o agente socializador preponderante e já noutra contexto de socialização onde o ascendente do “Outro significativo” é substituído pelo “Outro generalizado” permitindo ao indivíduo envolver-se de forma autónoma em interacções com desconhecidos (Abrantes, 2015). Essas interacções resultam em vivências e experiências que levam a uma gradual integração e sensação de pertença e que vão agir como catalisador para uma consciência de “*Eu sou Belenenses*”. Nesse sentido, o clube, enquanto instituição e enquanto contexto (de interação e ação) emerge como uma dimensão fundamental para a análise sociológica da construção social da identidade clubística.

A análise da construção social da condição de adepto foi obtida dos adeptos foi obtida a partir das percepções que os entrevistados têm de si próprios e dos restantes adeptos e não através de métricas ou indicadores quantitativos ou de comparação com outros grupos de adeptos. Esta caracterização está intrinsecamente ligada à caracterização/percepção que é feita do clube e da sua história que de um modo geral é projetada nos seus adeptos. Uma boa ilustração desta situação é o facto de um dos padrões mais notórios ser a caracterização do Belenenses (adepto) como alguém com capacidade de sofrimento, de resiliência e resistência à adversidade e como alguém que se insurge contra uma ordem dominante, aspetos que derivam ou são atribuídos ao próprio clube, cuja história está bastante presente e consciente no conjunto de adeptos entrevistados e é transversal a todas as faixas etárias. O domínio da história do clube e consciência dos principais episódios marcantes é fundamental para que haja esta simbiose entre caracterização do clube e caracterização do adepto. Este cenário reforça a ideia de que para além da família nuclear, o clube é o principal agente na consolidação da condição de adepto do Belenenses.

É também pertinente referir que Belenenses é encarado como tendo um estatuto diferente dos restantes. O padrão mais notório e espontâneo é o de distanciamento face ao domínio desportivo e mediático dos “Três grandes” (Benfica, FC Porto e Sporting), os clubes que dominam em todas as frentes o universo do futebol em Portugal. Perante este domínio, o facto de não serem adeptos destes clubes confere-lhes um estatuto diferente e uma legitimidade à luz daquilo que consideram ser o conceito adequado de adepto de um clube/equipa desportiva, o adepto que tem no amor, ligação emocional ao clube e sensação de inclusão/pertença os elementos preponderantes da sua filiação clubística e não na futilidade de ser apenas “*de quem ganha*” e de compactuar/alinhar com práticas anti-desportivas ou de aceitar ganhar “*a qualquer custo*”. Os “Três grandes” funcionam como um grupo de referência negativo de adepto de futebol num processo de comparação social com vista à valorização do seu clube.

Refira-se que o distanciamento para os restantes clubes também está presente. Esta temática não surgiu espontaneamente na larga maioria dos entrevistados mas dada a sua pertinência, alguns dos entrevistados foram confrontados com a mesma. Segundo estes, o adepto do Belenenses distancia-se em primeiro lugar pela ausência de um bi-clubismo em que o adepto apoia um clube teoricamente mais fraco mas tem como referência clubística um dos “três grandes”, situação que é percecionada pelos adeptos do Belenenses que abordaram este assunto. O outro elemento diferenciador referido foi a própria dimensão e peso histórico do clube considerado pela maioria dos entrevistados como sendo superior aos restantes clubes.

Em jeito de conclusão destaque para três pontos: Em primeiro lugar, uma última referência à homogeneidade identificada junto dos entrevistados. Esta situação não deverá ser alienada da opção metodológica em termos de amostragem pelo que deve ser equacionada a possibilidade da opção pela bola-de-neve ter criado uma “câmara de eco” apesar do esforço de diversificação da amostra. Contudo a título meramente indicativo é possível fazer uma associação entre o número médio de espectadores no estádio do restelo entre as épocas 2014/15 e 2017/18 da primeira liga de futebol e a contagem de sócios não atletas a 31 de Dezembro de 2018. Com 5817 sócios “filiados” e uma assistência média de 3788,8 adeptos<sup>5</sup> é possível sugerir que, fora da amostra analisada, há uma mobilização considerável de adeptos ao nível da assistência a eventos desportivos, nomeadamente jogos de futebol. Será uma associação pouco rigorosa mas talvez a única possível para tentar de algum modo aferir o impacto de um potencial enviesamento criado pela técnica de amostragem escolhida.

Em segundo lugar, não há garantia de que o processo de consolidação ocorra em todos os indivíduos sujeitos à influência dos agentes socializadores e à exposição ao Belenenses. No caso da amostra estudada, esta situação verifica-se na totalidade, mas será pertinente prosseguir este estudo no futuro no sentido de identificar uma potencial amostra de indivíduos em que se tenha dado o processo de exposição mas não o de consolidação e identificar os motivos para tal consolidação não ter ocorrido. Este será um dos eixos mais determinantes em trabalhos futuros.

Em terceiro lugar é importante referir que a análise do fenómeno da filiação clubística na realidade Portuguesa e em qualquer outra onde haja um nível de distribuição de massa adepta tão desigual como em Portugal, poderá ser feita através da identificação dos fatores e processos que levam a apoiar um clube que, dada a escassez de títulos conquistados e a menor frequência de vitórias, não tem o potencial de proporcionar os ganhos emocionais que resultam da filiação clubística. Qualquer modelo assente nestes princípios terá potencial de ser aplicado a qualquer clube em Portugal, fora dos “Três grandes” e de identificar processos de socialização e elementos de sustentação da filiação diferentes consoante as especificidades de cada clube a nível geográfico, social e histórico

---

<sup>5</sup> Fonte: Liga Portuguesa de Futebol ([www.ligaportugal.pt](http://www.ligaportugal.pt))





## BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, Pedro (2011), “Para uma teoriza da socialização”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXI
- Ben Porat, Amir (2010), “Football fandom: a bounded identification”, *Soccer & Society*, 11 (3)
- Berger, P., Luckmann, T. (1999), *A construção social da realidade*, Dinalivro
- Branscombe, Nyla, Wann, Daniel (1991), “The positive social and self concept consequences of sports team identification”, *Journal of Sport & Social Issues* 15 (2)
- Ceartil, José (2019), *Clube de Futebol Os Belenenses – 100 Anos de história*, Âncora Editora
- Crawford, Garry (2004), “Consuming Sport: Fans, Sport and Culture”, *International Journal of Sports Marketing and Sponsorship*, 6 (2)
- Critcher, Chas. "Football Since The War", *Working Class Culture: Studies in History and Theory*. London: Hutchinson, 1979.
- Davis, Leon (2015), “Football Fandom and Authenticity: a critical discussion of historical and contemporary perspectives”, *Soccer & Society*, 16 (2-3)
- Dawson, Murell e Chatman, Elfreda (2001), “Reference group theory with implications for information studies: A theoretical essay”, *Information Research*, 6 (2)
- Dixon, Kevin (2011), “A third way for bootball fandom research: Anthony Giddens and Structuration Theory”, *Soccer & Society*, 12 (2)
- Funk, Daniel, James, Jeffrey (2001), “The psychological continuum model: A conceptual framework for understanding an individual’s psychological connection to sport”, *Sport Management Review*, 42 (2)
- Gibbons, T. and Dixon, K. (2010) "Surf's up!': A call to take English soccer fan interactions on the Internet more seriously', *Soccer & Society*, 11(5)
- Giulianotti, Richard (2002), “Supporters, followers, fans and flaneurs: a taxonomy of spectator identities in football”, *Journal of Sport and Social Issues* 26 (1)
- Giulianotti, Richard e Robertson, Roland (2004), “The globalization of football: A study in the Glocalization of the serious life”, *The British Journal of Sociology*, 55 (4)
- Hyatt, Craig, *et al*, (2018), “The reverse socialization of sports fans: How children impact their parents’ sport fandom”, *Journal of Sport Management* (
- Jacobson, Beth (2003), *The social psychology of the creation of a sports fan identity: A theoretical review of the literature*, Athletic Insight, (Online), 5 (2)
- Jones, Ian (2000), “A model of serious leisure identification: the case of football fandom”, *Leisure Studies*, 19 (4)
- Jones, Ian (1998), *Football Fandom: Football fan identity and identification at Luton Town Football Clube*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia, Luton Business School, University of Luton

- Little, Daniel (2013), “Sociology of Soccer”(Online), consultado em 01/02/2020. Disponível em: <https://undsoc.org/>
- Parry, Keith e Jones, Ian e Wann, Daniel. (2014), “An examination of sport fandom in the United Kingdom: a comparative analysis of fan behaviors, socialization processes, and team identification”, *Journal Of Sport Behavior*, 37(3)
- Rosa, Acácio, *A História do Clube de Futebol “Os Belenenses” 1919 a 1991*, Edição: Clube de Futebol “Os Belenenses”
- Rein, Irving e Kotler, Philip e Shields, Ben (2006), *The elusive fan: Reinventing sports in a crowded marketplace*”, McGraw Hill Professional
- Sandvoss, Cornel (2003), *A game of two halves, Football, Television and Globalisation*, Psychology Press
- Simões, António, *et.al* (1995), *História de 50 anos do Desporto Português*, Edição: “A Bola”
- Spaaij, Ramón e Anderson, Alastair (2010), “Psychosocial influence on children’s identification with sports teams”, *Journal of Sociology*
- Spaaij, Ramón (2007), “Football hooliganism in the netherlands: Patterns of continuity and change”, *Soccer and Society*, 8 (2)
- Melnick, Merrill e Wann, Daniel (2010), “An examination of sport fandom in Australia: Socialization, team identification, and fan behaviour”, *International Review for the Sociology of Sport*”, 46 (4)
- Merton, Robert e Rossi, Alice , *Contributions to the theory of reference group behavior*, em Merton, Robert K. (1968), *Social Theory and Social Structure*, New York: The Free Press
- Mewett, Peter e Toffoletti, Kim (2008), “The strenght of strong ties: How women become supporters of Australian Rules Football”, apresentado na Conferência anual da Associação Sociológica Australiana, Universidade de Melbourne
- Nunes, João Sedas (2007), *Culturas Adeptas do Futebol*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humans da Universidade Nova de Lisboa
- Taylor, Ian. (1971) “Football Mad: A Speculative Sociology of Football Hooliganism” em E. Dunning (ed), *The Sociology of Sport: A Collection of Readings*, London: Frank Cass
- Theodorakis, Nicholas e Wann, Daniel (2008), “An examination of sport fandom in Greece: Influences, interests and behaviours”, *International Journal of Sport management and Marketing*, 4
- Wann, D., M. Melnick, G. Russell and D. Pease (2001) *Sport Fans: The Psychological and Social Impact of Spectators*. New York: Routledge.
- Williams, John (2007), “Rethinking sports fandom: The case of european Soccer”, *Leisure Studies*, 26 (2)

# **ANEXOS**



## **Anexo A: Guião de entrevista**

1. Identificação do(s) agente(s) socializadores e de exposição ao Belenenses e elementos que determinaram/efectivaram a filiação clubística:

*1.1 “Qual foi o seu primeiro contacto com o Belenenses?” / “Como se dá a sua ligação ao Belenenses?”*

*1.2 “O que o levou a ser adepto do Belenenses?” / “Como se tornou adepto do Belenenses”*

2. Características e traços pessoais associados ao adepto do Belenenses e auto-caracterização enquanto adepto do Belenenses

*2.1 “Quais são as características que identifica num adepto do Belenenses?” / “Que características associa a um adepto do Belenenses ?”*

*2.2 “Como se caracteriza enquanto adepto do Belenenses?” / “Face aos traços e características que referiu, identifica-se com os mesmos?”*

3. Impacto da filiação clubística em diferentes contextos (social, profissional, familiar, académico)

*3.1 “Em que medida o Belenenses contribui para se sentir bem ?” / “O Belenenses contribui para o seu bem-estar/boa disposição/felicidade? “*

*3.2 “Como é e foi ser do Belenenses em diferentes contextos? Familiar, profissional, escolar, académico, social)*

*3.3 “Sente-se motivado para falar do Belenenses em conversas ou discussões?”*

4. Assistência e consumo

*4.1 “Com que frequência assiste a jogos do Belenenses? Presencialmente e remotamente”*

*4.2 “Pensando no Belenenses enquanto objecto de consumo, como caracteriza o seu consumo do Belenenses?”*

5. Relação e percepção face a outros clubes em Portugal

*5.1 “Quais são para si os principais adversários/rivais desportivos do Belenenses?”*

5.2 “*Em que medida o Belenenses é diferente de outros clubes históricos? (Ex. Boavista, Vitória Futebol Clube, Académica, entre outros)*”

## 6. Evolução da filiação clubística/condição de adepto

6.1 “*Acha que a sua condição de adepto manteve-se igual ao longa da vida ou hoje é um adepto diferente do que no passado ?*”

6.2 “*Acha que os factores e motivações que o levaram a ser adepto do Belenenses são os mesmos que o fazem ser adepto do Belenenses actualmente ?*”

## Anexo B: Categorias temáticas desenvolvidas

<b>Categoria Temática</b>	<b>Códigos</b>
Família	
	Pai Família alargada Longevidade da filiação
Diferenciação (adepto)	
	Minoria (clubística) Elemento/traço diferenciador Evitar facilitismo/Caminho difícil
Comunidade	
	Vivência Família (Ambiente familiar) Convívio Restelo (Presença) Inclusão/Sentimento de pertença
Adversidade/Dificuldade	
	Condescendência Incompreensão Legitimação História Hostilidade Capacidade de sofrimento
Resistência	
	Luta contra ordem estabelecida História Legitimação
Diferenciação (Clube)	
	História 4º Grande Adepto positivo Distanciamento ordem estabelecida Uniclubismo
Adepto positivo	
	Amor ao clube Aversão cultura de vitória Associativismo Comunidade





## Anexo C: Recorrência das categorias temáticas na amostra inquirida

	Comunidade	Família	Adversidade/Dificuldade	Diferenciação (adepto)	Resistência	Diferenciação (Clube)	Adepto positivo
Andreia	X		X	X	X	X	X
Alfredo	X		X	X	X	X	
Nélson		X	X	X	X	X	X
Daniel	X	X	X	X	X	X	X
Dinis	X	X	X		X	X	X
Duarte	X	X	X	X	X	X	X
Eduardo	X	X	X	X	X	X	X
Francisco	X	X	X	X	X	X	X
Jorge	X	X	X	X	X	X	X
José	X	X		X	X	X	
Lourenço	X	X	X	X	X	X	X
Rogério	X	X	X	X	X	X	
Isabel	X		X	X	X	X	X
Roberto	X	X	X			X	X
Vicente	X	X	X	X	X	X	X
Vasco		X	X		X		
Vitor	X	X	X	X	X	X	X